



Universidade de Brasília – UnB  
Faculdade de Ciência da Informação – FCI  
Curso de Graduação em Biblioteconomia

CAMILA CIRINO CARDOSO

**PROJETOS UNIVERSAIS DE DIFUSÃO DO CONHECIMENTO:**

Da utopia à realidade na era digital

Brasília  
2016

CAMILA CIRINO CARDOSO

**PROJETOS UNIVERSAIS DE DIFUSÃO DO CONHECIMENTO:**

Da utopia à realidade na era digital

Monografia apresentada à Faculdade de Ciência da Informação, da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientação: Prof. Me. Carlos Henrique Juvêncio.

Brasília  
2016

C268p

Cardoso, Camila Cirino.

Projetos universais de difusão do conhecimento : da utopia à realidade na era digital / Camila Cirino Cardoso. – 2016.

57 f. : il. ; 30 cm.

Monografia (graduação) – Universidade de Brasília, Faculdade de Ciência da Informação, 2016.

Inclui bibliografia.

Orientação: Carlos Henrique Juvêncio.

1. Biblioteca universal. 2. História das bibliotecas. 3. Internet.  
I. Juvêncio, Carlos Henrique. II. Título.



**Título: Projetos universais de difusão do conhecimento: da utopia à realidade na era digital.**

**Aluna: Camila Cirino Cardoso.**

Monografia apresentada à Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Brasília, 15 de agosto de 2016.

**Carlos Henrique Juvêncio da Silva** - Orientador  
Professor da Faculdade de Ciência da Informação (UnB)  
Mestre em Ciência da Informação

**Rita de Cássia do Vale Caribé** – Membro  
Professora da Faculdade de Ciência da Informação (UnB)  
Doutora em Ciência da Informação

**Raphael Diego Greenhalgh** – Membro  
Bibliotecário da Biblioteca Central (UnB)  
Doutor em Ciência da Informação

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço acima de tudo e todos, à minha família, por todo o carinho, apoio e incentivo durante toda a minha vida. À minha mãe, que me ensinou desde cedo o lema “faça o seu melhor porque se não for pra fazer bem-feito, é melhor nem começar”. Devo a ela o incentivo ao gosto pela leitura, que se fez primordial na formação do meu caráter e direcionamento à escolha do meu futuro profissional. Ao meu pai, por todo o sacrifício e dedicação à família, aos mimos e às piadas que sempre me fazem rir. À minha irmã Érica, melhor amiga e irmã que alguém pode ter, por todo o amor incondicional que me dá desde que eu me entendo por gente. Ao meu irmão Breno, por tornar mais leves os dias difíceis com seu jeito alegre e divertido.

Agradeço ao meu orientador, Carlos, principalmente pela confiança, paciência e inspiração!

Agradeço à Elaine, por sua amizade verdadeira e sincera. Obrigada por ter tornado esses longos anos de universidade, alguns dos melhores anos da minha vida! Foram muitos momentos compartilhados de diversão, aflições sobre trabalhos, e também reflexões sobre a vida. Aprendi que a gente pode sim ter “amigos de infância” que conhecemos na idade adulta!

Assim como os amigos de longa data, agradeço também aos amigos que fiz ao longo desses anos na UnB e na FCI. Agradeço a presença de cada um, que são únicos e especiais para mim, na minha vida. Aprendi muito e também me diverti bastante durante o tempo que passamos juntos.

Ao Guilherme, pelo carinho, paciência e principalmente, pela motivação! Obrigada por ser um exemplo de determinação e disciplina, me fazendo sempre querer dar o meu melhor e não desistir.

*“A memória do homem contém toda a sua história e, sem esta memória, ele não poderia ter avançado tanto em todas as áreas que domina. [...] Sem a memória, não haveria aquisição de conhecimentos, não haveria educação, não haveria cultura, não haveria a herança do passado: apenas a vivência do presente e a espera do futuro desconhecido”*

(CAVALCANTI, 1996, p. 21).

## RESUMO

Para a realização desta pesquisa foi feita uma revisão de literatura acerca dos conceitos principais relativos à ideia do acúmulo e difusão do conhecimento universal. Explora os conceitos de biblioteca e universalismo, a fim de compreender o conceito central do trabalho: a biblioteca universal e os principais projetos de difusão do conhecimento universal. Trata-se de uma pesquisa documental descritiva com análise qualitativa, que utilizou como base, obras de autores como Martins (1957), Battles (2003) e Milanesi (2002), para descrever tais propostas ao passar pela origem, características e desenvolvimento ao longo da existência das mesmas. Traça a evolução histórica das bibliotecas, abrangendo tais instituições na Antiguidade, Idade Média e Atualidade. Busca analisar o enquadramento da internet como um projeto universal de difusão do conhecimento, partindo do princípio que ela é hoje o local escolhido para o armazenamento e disseminação da informação. Apresenta um breve histórico da internet, passando pela ideia do hipertexto e do surgimento da World Wide Web até chegar nas iniciativas e projetos de digitalização do conhecimento. Reflete sobre os avanços e obstáculos ainda enfrentados na busca pela idealizada aspiração de compilar a totalidade do conhecimento da humanidade, em um só ambiente, para o acesso livre e universal. Conclui que o conceito de biblioteca universal diverge do que se tem como biblioteca ideal atualmente, no sentido de que enquanto a primeira pretende abranger todo o conhecimento possível sem critério, a última serve como mediadora dentro do universo da informação ao selecionar e fornecer o melhor material possível. Ao comparar a internet com esse conceito universal, conclui-se que o ciberespaço pode ser considerado o mais próximo que até então se chegou do projeto ideal de difusão universal do conhecimento.

**Palavras-chave:** Biblioteca universal. História das bibliotecas. Internet.

## ABSTRACT

For the realization of this research, a literature review about the main concepts relative to the idea of accumulation and diffusion of universal knowledge was made. It approaches the library and universalism concepts to comprehend the central concept of the work: the universal library. In a broader sense, that goes beyond the scope of libraries, it explores the main projects of universal knowledge diffusion. Based on the bibliography research realized, supported by works from authors such as Martins (1957), Battles (2003) and Milanese (2002), it describes such proposals tackling their origin, characteristics and development over their existence. Traces the historical evolution of libraries, covering these institutions in Ancient times, Medieval Ages and Modern times. Seeks to analyze the framework of internet as a universal project of knowledge diffusion, starting on the principle that it is today the chosen spot for storage and dissemination of information. Presents a brief historic of the internet, passing through the idea of hypertext and the birth of the World Wide Web until the initiatives and projects of digital knowledge. Reflects about the advances and obstacles still faced in the search of an ideal aspiration to compile the totality of human knowledge, in only one medium, for free and universal access. As a conclusion, it can be perceived that the concept of a universal library diverges from what we currently have as an ideal library, in the sense that while the first one aims to include all possible knowledge without criteria, the last one serves as mediator inside the universe of information when selecting and providing the best material possible. When comparing the internet with this universal concept, it is agreed that cyberspace can be considered the closest to what would be the ideal project of diffusion of universal knowledge.

**Keywords:** Universal library. Libraries' history. Internet.

## RÉSUMÉ

Cette recherche se développe à partir d'une revue de publications existantes autour des concepts fondamentaux liés à l'idée d'accumulation et de diffusion de la connaissance universelle. On analyse ici les concepts de bibliothèque et d'universalisme afin de mieux comprendre le concept-clé de ce mémoire, à savoir celui de bibliothèque universelle. Partant d'une perspective plus large et se transposant au delà du seul domaine des bibliothèques, on examine les principaux projets de diffusion de la connaissance universelle. À partir d'une recherche bibliographique et ayant comme cadre conceptuel les ouvrages d'auteurs comme Martins (1957), Battles (2003) et Milanese (2002), nous décrivons ces diverses propositions depuis leurs origines et leurs caractéristiques jusqu'à leur développement tout au long de leurs existence. On examine l'évolution historique des bibliothèques en analysant ces dernières pendant l'Antiquité, le Moyen-âge ainsi que dans la période contemporaine. Nous cherchons à analyser la perception de l'Internet en tant que projet universel de diffusion de la connaissance, partant du principe qu'elle est de nos jours le lieu choisi pour le stockage et pour la dissémination de l'information. Nous présentons un bref historique de l'Internet, passant par l'idée d'hypertexte et des débuts de la World Wide Web jusqu'aux initiatives et projets de numérisation de la connaissance. Nous réfléchissons aux avancées et aux obstacles posés à l'aspiration idéalisée d'une compilation de la totalité de la connaissance humaine, dans un seul lieu, pour un accès libre et universel. Pour conclure, nous constatons que le concept de bibliothèque universelle diverge de celui que nous avons actuellement de bibliothèque idéale. Alors que la première vise à couvrir toute la connaissance possible et ce sans critères, cette dernière sert de médiatrice dans l'univers de l'information en sélectionnant et en fournissant le meilleur matériel possible. Quand nous comparons l'Internet à ce concept universel, nous arrivons à la conclusion que le cyberspace pourrait être considéré comme le plus proche que nous n'avons jamais été du projet idéal de diffusion universelle de la connaissance.

**Mots-clés:** Bibliothèque universelle. Histoire des bibliothèques. Internet.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Escrita cuneiforme.....	19
Figura 2 – Livro acorrentado em uma biblioteca monacal.....	23
Figura 3 – Biblioteca do mosteiro em <i>O Nome da Rosa</i> .....	27
Figura 4 – Hipácia de Alexandria.....	29
Figura 5 – Bibliotheca Alexandrina.....	33
Figura 6 – Sábios na Casa da Sabedoria.....	36
Figura 7 – Cité Mondiale.....	39
Figura 8 – Memex.....	45

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BDM	Biblioteca Digital Mundial
CDD	Classificação Decimal de Dewey
CDU	Classificação Decimal Universal
HTML	HyperText Markup Language
HTTP	HyperText Transfer Protocol
LCC	Library of Congress Classification
LCWA	Library of Congress Web Archives
RBU	Repertório Bibliográfico Universal
W3C	Consórcio World Wide Web

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>11</b>
<b>1.1 Justificativa</b> .....	<b>12</b>
<b>1.2 Objetivos</b> .....	<b>13</b>
1.2.1 <i>Objetivo Geral</i> .....	13
1.2.2 <i>Objetivos Específicos</i> .....	13
<b>1.3 Metodologia</b> .....	<b>13</b>
<b>1.4 Limitações</b> .....	<b>14</b>
<b>2 O QUE SERIA UMA BIBLIOTECA? O QUE SERIA UMA BIBLIOTECA UNIVERSAL?</b> .....	<b>15</b>
<b>2.1 Evolução da biblioteca ao longo da história</b> .....	<b>18</b>
2.1.1 <i>Bibliotecas na Antiguidade</i> .....	18
2.1.2 <i>Bibliotecas na Idade Média</i> .....	22
2.1.3 <i>Bibliotecas na Atualidade</i> .....	24
<b>3 PROJETOS DE BIBLIOTECAS E BIBLIOGRAFIAS UNIVERSAIS</b> .....	<b>27</b>
<b>3.1 Biblioteca de Alexandria</b> .....	<b>28</b>
<b>3.2 Casa da Sabedoria – Bayt Al-Hikma</b> .....	<b>35</b>
<b>3.3 Mundaneum</b> .....	<b>38</b>
<b>3.4 Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos da América – Library of Congress</b> .....	<b>40</b>
<b>4 PROJETO UNIVERSAL DA INTERNET</b> .....	<b>44</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>50</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>52</b>

## 1 INTRODUÇÃO

As bibliotecas, ainda hoje, mantêm a imagem de guardiãs do conhecimento, um espaço onde é possível encontrarmos um universo com uma vasta multitude de informações. Apesar da imponente e autoridade transmitidas por tais entidades, existem limitações que as impedem de alcançar o sonho ideal de reunir em um único local todo o conhecimento da humanidade já registrado.

Mesmo com inúmeros obstáculos, que vão de questões como a estrutura física até os custos com a aquisição e manutenção de um vasto acervo, pode-se analisar registros de tentativas que visavam alcançar tal feito. Partindo de Alexandria, que para além de ser uma biblioteca, era um centro de saber e estudos, passando pelas universidades da Idade Média e os projetos bibliográficos de reunião de todo o conhecimento humano numa bibliografia, chega-se ao *Mundaneum* de Otlet e La Fontaine, que abre o horizonte para a internet hoje.

No conto intitulado Biblioteca de Babel, Borges (1999, p. 38) descreve seu universo utópico:

[...] compõe-se de um número indefinido, e talvez infinito, de galerias hexagonais [...]. De qualquer hexágono, veem-se os andares inferiores e superiores: interminavelmente. A distribuição das galerias é invariável. Vinte prateleiras, em cinco longas estantes de cada lado, cobrem todos os lados menos dois [...].

A descrição detalhada da estrutura a priori transmite a ideia de que essa seria verdadeiramente uma biblioteca universal, onde se reúne todo o conhecimento humano possível, uma vez que é afirmado que a biblioteca de Babel existe *ab aeterno*, isto é, desde um ponto no passado que é impossível determinar e continuaria sua existência eternamente. Entretanto, durante a leitura, pode-se perceber a presença de alguns elementos que desfazem a aparente perfeição do ideal universal. O principal problema remete à questão da estrutura física, onde apesar de o espaço não ter limitação, uma vez que a biblioteca é infinita, é justamente essa infinitude que compromete a recuperação física de qualquer informação. Assim como no conto de Borges, seria possível perder-se nos corredores e escadas infinitas de tal biblioteca. Ainda que houvesse um catálogo que abrangesse todas as obras, um “compêndio perfeito”<sup>1</sup> como Borges descreve... até mesmo com a existência de um registro

---

1 “Em alguma estante de algum hexágono (raciocinaram os homens) deve existir um livro que seja a cifra e o compêndio perfeito *de todos os demais*: algum bibliotecário o consultou e é análogo a um deus”. (BORGES, 1999, p. 38).

com tal amplitude, seria possível recuperar a informação desejada em meio a esse caos, mesmo que organizado? Quanto tempo levaria para percorrer, a pé, esta biblioteca?

O foco do trabalho será na trajetória dos projetos advindos desse ideal de compilação do saber universal, desde a fundação da biblioteca de Alexandria, observando como se sucedeu a evolução para o projeto mais próximo de uma 'biblioteca universal' que existe hoje: a internet.

Para compreender o tema central do trabalho, o capítulo um do trabalho visa abordar os conceitos de biblioteca, universalismo e utopia. Após explorar também o conceito de biblioteca universal, o capítulo traça uma trajetória da evolução das bibliotecas, iniciando na Antiguidade até os dias atuais.

O capítulo dois trata dos principais projetos de bibliotecas e bibliografias construídos, inspirados nos ideais de uma "biblioteca universal". Serão descritos, em uma ordem cronológica de existência, os seguintes projetos: a Biblioteca de Alexandria, a Casa da Sabedoria, o *Mundaneum* de Paul Otlet e a Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos da América.

O capítulo três apresenta um breve histórico sobre a internet. Ao analisar suas características e seus limites, será analisado seu enquadramento como um projeto universal do conhecimento.

### **1.1 Justificativa**

O tema proposto surgiu a partir do interesse no amplo tema de bibliotecas universais. Há pouca literatura que se aprofunde acerca dessa ideia. Muitos artigos apenas mencionam a noção, muitas vezes para fazer uma analogia vinculada a outras ideias relacionadas.

A imagem da biblioteca universal é explorada também na literatura, tendo como exemplo mais clássico, o conto de Jorge Luis Borges: a Biblioteca de Babel. A partir da indicação e leitura dessa obra, foram provocados questionamentos e reflexões acerca do conceito. O imaginário permite um campo amplo de exploração acerca do universal, infinito, eterno e utopia.

Assim, devido à curiosidade acerca dos projetos de uma biblioteca universal ao longo da história, decidiu-se selecionar os mais importantes ou notáveis projetos para que a história de cada um fosse abordada, traçando a trajetória e evolução dessa ideia. Ao analisar tais

elementos, o trabalho pretende compreender esses projetos de difusão do conhecimento e analisar o vínculo evolutivo com a internet, aqui considerada um projeto universal.

## **1.2 *Objetivos***

### **1.2.1 *Objetivo geral***

Analisar os projetos universais de reunião do conhecimento

### **1.2.2 *Objetivos específicos***

- Estudar o conceito de biblioteca universal
- Apresentar os projetos universais e traçar sua evolução e trajetória histórica
- Verificar a relação da internet como um projeto de reunião de todo o conhecimento humano

## **1.3 *Metodologia***

Foi realizada uma pesquisa documental descritiva com análise qualitativa, que visa analisar a história da criação e desenvolvimento dos projetos de difusão do conhecimento universal, estes selecionados na seguinte ordem:

- Biblioteca de Alexandria
- Casa da Sabedoria
- *Mundaneum*
- Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos da América
- Internet

Para entender o conceito de 'biblioteca universal', foi necessária uma busca em diversas fontes quanto aos conceitos de biblioteca, universalismo e utopia. A literatura da Biblioteconomia e Ciência da Informação facilitou a pesquisa do primeiro conceito de maneira significativa, por ser um dos elementos centrais na área. Já os termos universalismo e utopia apresentaram uma escassez maior de definições adequadas para o trabalho, em especial o

primeiro. Recorreu-se às áreas da filosofia e da filosofia política, para que os conceitos fossem apresentados de maneira coerente e mais completa no contexto do trabalho.

Uma pesquisa na literatura foi realizada acerca da história da origem e evolução das bibliotecas, buscando diversas fontes e autores para uma comparação de fatos e teorias acerca do aspecto histórico. Os principais autores consultados para o tópico foram Martins (1957), Battles (2003) e Milanesi (2002).

Adentrando no tópico da internet, foi necessário conciliar o aspecto técnico da área da informática com a literatura voltada para as áreas de Biblioteconomia, Ciência da Informação e Comunicação.

A consulta dos documentos foi primariamente na língua portuguesa, sendo a língua inglesa empregada quando necessário, devido à inexistência ou escassez de material acerca do assunto desejado. Para o levantamento bibliográfico, foram utilizados livros impressos, bases de dados como a SciELO, o motor de busca Google Acadêmico e outras fontes como dicionários e sites institucionais. A partir das referências bibliográficas contidas e citadas nos documentos consultados, foram identificados outros documentos relevantes para a pesquisa.

#### **1.4 Limitações**

Devido ao tempo ser um fator limitante na realização do trabalho, não foi possível uma abordagem aprofundada e exaustiva do tema. Assim, foram selecionados para exploração no trabalho apenas alguns dos exemplos mais notáveis de projetos de difusão do conhecimento universal. Atentou-se para uma abordagem que contemplasse a trajetória de cada um, ainda que de maneira um tanto superficial, dada a complexidade e vastidão do aspecto histórico. Os projetos foram apresentados de forma cronológica, para que fosse abordada uma relação entre eles.

## 2 O QUE SERIA UMA BIBLIOTECA? O QUE SERIA UMA BIBLIOTECA UNIVERSAL?

Antes de adentrar na trajetória de mudanças pelas quais a biblioteca passou ao longo da história, é necessário conhecer primeiro a etimologia de seu nome, a fim de compreender melhor a evolução tanto do conceito como da instituição em si. Existem diversas definições, que vão desde as mais complexas elaboradas por autores da área, como das mais simplistas, provenientes dos dicionários comuns da língua portuguesa.

O termo biblioteca se origina do vocábulo grego *bibliothéke*, pela junção das raízes *bíblion*, que significa livro e *théke*, que remete à qualquer estrutura física que tem por função proteger seu conteúdo, como caixas, cofres, estantes ou edifícios (FONSECA, 2007, p. 48).

Dada essa etimologia, nota-se que desde a Antiguidade, a ideia de biblioteca remete a um local onde depositam-se livros<sup>2</sup>, não necessariamente havendo a preocupação com acessibilidade e disponibilização desses materiais para o grande público. Como será mostrado de maneira mais aprofundada no segundo capítulo, um exemplo claro disso está na restrição do acesso às obras apenas para filósofos e intelectuais da época, assim como essa limitação pode ser vista também no período medieval, onde os religiosos mantinham a guarda<sup>3</sup> do conhecimento nas bibliotecas monásticas.

Lemos (2008, p. 102) nos oferece uma definição atual do conceito:

Em geral, define-se hoje a biblioteca como um acervo de materiais impressos (livros, periódicos, cartazes, mapas etc.), ou não-impressos, como filmes cinematográficos, fotografias, fitas sonoras, discos, microformas, cederrons, devedês, programas de computador etc.), organizados e mantidos para leitura, visualização, estudo e consulta.

É possível perceber com essa definição, uma visão bem abrangente do que está contido na instituição denominada *bibliothéke*. Entretanto, o mesmo autor destaca a necessidade de alguns quesitos que vão além do acervo para que haja uma biblioteca como instituição social, dando ênfase na existência e importância do usuário (LEMOS, 2008).

Com essa visão, nota-se a transformação e evolução pela qual a instituição tem passado a medida que o foco é transferido do acervo para aquele que busca a informação e conhecimento. Percepção essa que vai além da simplista e tradicional definição, encontrada em dicionários comuns como o Priberam (c2012) que declara a biblioteca como um “1.

2 O termo livro aqui utilizado remete aos documentos existentes da época, isto é, papiros (posteriormente sendo substituídos por pergaminhos). A utilização da palavra livro como hoje é conhecido, se fez presente na língua portuguesa a partir do século XIII. (FONSECA, 2007, p. 21).

3 Guarda essa em um sentido literal, visto que em algumas bibliotecas os livros eram acorrentados às estantes, que servia também como medida de segurança contra possíveis furtos.

Conjunto de livros, manuscritos, etc., possuídos por um particular ou destinados à leitura pública. 2. Sala ou edifício onde está essa coleção.” A biblioteca moderna expande e modifica seu espaço, assim como a missão do bibliotecário. Se anteriormente sua função era somente a de “guardião do conhecimento”, ele agora passa a oferecer o máximo de serviços possíveis ao seu usuário, visando preencher aquela lacuna de informação existente.

Em um sentido mais amplo, na definição dada por Milanesi (1983), o autor afirma que “[...] a biblioteca é mais do que livros, é informação, seja de que tipo for.” Tal definição remete a uma questão complexa e não muito abordada. É possível a ideia de uma biblioteca sem acervo? De fato, bibliotecas sem um acervo físico existem, denominadas bibliotecas digitais<sup>4</sup>. Assim como afirma Saunders (1992 apud CUNHA, 1999, p. 258), esse tipo de biblioteca “implica um novo conceito para a armazenagem da informação (forma eletrônica) e para sua disseminação (independentemente de sua localização física ou do horário de funcionamento).” De fato, a biblioteca digital possui uma capacidade de armazenar e disseminar a informação de forma mais eficiente e com um maior alcance, especialmente nos dias de hoje em que há a tendência a se resolver todos os nossos problemas e dúvidas no mundo virtual. A partir desse tipo de biblioteca, começamos a adentrar na temática principal desse trabalho: a biblioteca universal, ou de forma mais ampla, os projetos de reunião do conhecimento universal.

Construindo um elo entre o conceito de biblioteca e introduzir o conceito de biblioteca universal, pode-se analisar a seguinte citação de Milanesi (2002, p. 12):

Havendo registros, haverá uma biblioteca, porque os homens precisam repartir o pensamento criado, disseminando-o para garantir a posse do conhecimento. Por isso, formaram e formam coleções: da argila com caracteres ao papel, passando pelo papiro e pergaminho até chegar ao texto virtual, que forma, na internet, um novo tipo de acervo – o maior já colocado à disposição das pessoas. É uma outra forma de biblioteca.

Partindo do princípio abordado pelo autor, pode-se concluir que sempre houve a necessidade de salvaguardar toda a produção do homem desde o momento em que ele passou a registrar seu conhecimento de forma física. Desde pinturas rupestres nas superfícies das cavernas até o conteúdo produzido incessantemente nas redes sociais, todo esse conhecimento, de forma ampla, abrange e representa a história do homem, assim como

---

4 “A biblioteca digital é também conhecida como biblioteca eletrônica (termo preferido dos britânicos), biblioteca virtual (quando utiliza os recursos da realidade virtual), biblioteca sem paredes e biblioteca conectada a uma rede” (CUNHA, 1999, p. 258).

permite a análise da evolução da humanidade e sua forma de se comunicar. Pode-se dizer que a biblioteca representa a memória viva da humanidade (MILANESI, 2002).

Para compreender melhor acerca da ideia do que seria uma biblioteca universal, uma vez que já foram expostas algumas definições para o termo biblioteca em si, é interessante discorrer sobre os conceitos de universalismo e utopia.

De forma abrangente e superficial, a definição de universalismo contida nos dicionários remete a uma “tendência ou esforço para universalizar um esforço ou uma ideia” (PRIBERAM, c2012). Há várias correntes de pensamento acerca do termo, dentre elas a teológica e a filosófica. Convém aqui abordar brevemente a vertente filosófica. Pires-O’Brien (2014) comenta sobre o universalismo na filosofia e suas subdivisões, tais como o universalismo epistemológico. Ela explica que para Kant “todo o conhecimento acumulado forma um único corpus, governado por um único critério universal” e que “a experiência ordenadora do mundo era uma só e portanto, todas as áreas do conhecimento estão interligadas” (PIRES-O’BRIEN, 2014). Esse pensamento vai ao encontro com o propósito da existência de uma biblioteca universal, no sentido de que todo o conhecimento humano acumulado (e registrado) seria reunido num só espaço (seja ele físico ou virtual), com seu único critério “universal” sendo justamente o armazenamento desse conteúdo em sua totalidade.

Em 1516, ao publicar seu livro *Utopia*, Thomas More utiliza o termo utopia e ele passa a ser utilizado amplamente na linguagem. Originada do grego, com a junção das palavras *ou*, o qual é um advérbio de negação e *tópos*, que significa lugar, a palavra remete à ideia de um lugar inexistente. A ideia de criar uma sociedade imaginária vem de uma tradição que remonta a Platão, que a utilizou em sua obra *A República*. A obra de More versa sobre “uma comunidade de uma ilha imaginária, organizada na base da vida coletiva, da propriedade comum e da obrigação do trabalho” (NOGUEIRA FILHO, 2010, p. 439). Há inúmeros exemplos de sociedades perfeitas criadas a partir do imaginário de seus criadores na literatura, que vão dos autores citados até Aldous Huxley, autor da obra *Admirável mundo novo*.

A partir dessa ideia, chega-se ao conceito de biblioteca universal. Apesar de não se pode classificá-la como uma “sociedade utópica”, ela é claramente um “projeto utópico”. O que seria, afinal, uma biblioteca universal?

Fidalgo (1999, p. 281) a descreve como sendo uma aspiração presente desde sempre a possibilidade de ter-se uma “[...] compilação do saber, de todos os conhecimentos em todas as áreas, obtidos em todas as épocas, em todos os lugares [...]”.

Há sentido na conclusão de Furtado (2007, p. 49), quando ele diz que “uma biblioteca universal (pelo menos na ordem do saber) não podia ser senão imaterial, ‘reduzida às dimensões de um catálogo, de uma nomenclatura, de um recenseamento’.” Considerando o volume de conhecimento produzido até hoje pela humanidade, seria um grande obstáculo manter a expansão constante do espaço físico para acomodar tamanha quantidade de registros. De fato, seria preciso uma forma de comportar que fosse expansível e dilatável a medida que fosse necessário.

## **2.1 *Evolução da biblioteca ao longo da história***

Ao acompanhar o processo evolutivo das bibliotecas, é possível perceber que a constante necessidade de salvaguardar o conhecimento já produzido e registrado até então. Esse desejo de tentar proteger o patrimônio humano está presente desde a Antiguidade até os dias de hoje, tenha sido ele com o intuito de ser utilizado em benefício próprio ou para a disseminação em âmbito universal. Há diversos indícios que mostram que as bibliotecas da Antiguidade e em especial, da Idade Média, eram primordialmente “guardiãs do conhecimento”, visto que o acesso ao conteúdo de seu acervo era extremamente restrito. A biblioteca sofreu muitas mudanças no decorrer da história, tais como sua estrutura física, o suporte utilizado em cada período e sua funcionalidade.

### **2.1.1 *Bibliotecas na Antiguidade***

Na Antiguidade, as bibliotecas eram mais utilizadas como depósitos de livros do que como um local de livre e fácil acesso a todos (MARTINS, 1957). Antes do que conhecemos hoje como livro, muitos foram os suportes utilizados anteriormente para registrar informações e conhecimentos adquiridos por meio de estudos ou experiências.

As primeiras bibliotecas são descritas por Martins (1957) como sendo “minerais”, devido à origem do suporte utilizado naquele período para o registro de informações, o qual eram tabletas de argila. Posteriormente, ainda segundo a classificação de Martins (1957),

surtem as bibliotecas “vegetais” e “animais”, cujos suportes eram, respectivamente, rolos de papiro e pergaminho. Ao passo que havia mais fragilidade desses materiais, que antecedem e se assemelham ao papel que é utilizado hoje, tem-se uma facilidade maior no registro da informação, uma vez que a escrita se tornou muito mais ágil do que o realizado nas pequenas tábuas de argila com seu sistema de escrita “cuneiforme<sup>5</sup>” (BATTLES, 2003).

Figura 1 - Escrita cuneiforme



Fonte: OTUBO (2009).

Desde o armazenamento das placas de argila aos pergaminhos, o nível de organização exibido por muitas bibliotecas espalhadas pela Mesopotâmia era relativamente alto (BATTLES, 2003). As placas possuíam seus títulos entalhados nas bordas da argila e eram colocadas em cestos numerados, o que facilitava a identificação e localização dos registros. Os acervos de rolos de papiro e pergaminhos eram mantidos e dispostos em pequenos compartimentos de estantes, empilhados um ao lado do outro e possuíam etiquetas identificadoras dos títulos das obras.

Dentre as bibliotecas mais notáveis da Antiguidade, pode-se citar a de Nínive, a de Pérgamo, as gregas, as romanas e a biblioteca de Alexandria, a qual será abordada e descrita de forma mais aprofundada na segunda parte do capítulo. Apesar da influência e imponência que tiveram à sua época, nenhuma das bibliotecas listadas acima sobreviveu até os dias de hoje, devido a destruição direta ou indireta de seus acervos. Como destaca Battles (2003, p. 37), “a destruição de uma biblioteca é, muito frequentemente, o resultado do medo, da ignorância e da cobiça de seus supostos benfeitores e patronos.”

A Biblioteca de Nínive, uma das mais antigas de que se tem história e registros que comprovem sua existência, existiu durante o reinado de Assurbanipal II, que governou a

---

5 “O sistema de escrita utilizado [...] é chamado de ‘cuneiforme’ devido ao formato de seus caracteres silábicos – grupos de pequenas marcas em forma de cunha gravadas na argila com o auxílio de uma agulheta” (BATTLES, 2003, p. 31).

Assíria<sup>6</sup> no século VII a.C. A biblioteca pertencia ao rei, sendo localizada em seu palácio na cidade de Nínive, capital do império. Havia um acervo de 25 mil placas de argila, que abordavam diversos assuntos, indo além de um simples arquivo do rei, como detalha Battles (2003, p. 31) na seguinte citação:

Além de profecias, fórmulas de encantamento e hinos sagrados, encomendou também peças literárias escritas nas diversas línguas da Mesopotâmia – o assírio, o sumério, o acádio, o ugarítico e o aramaico, dentre outras.

Acerca da notável organização do acervo, Souza (2005, p. 6) declara que a Biblioteca de Nínive é “[...] considerada a primeira coleção indexada e catalogada da história [...]”. Isso pode ser comprovado na fala de Battles (2003, p. 31), onde o autor descreve a organização dessas coleções:

As placas componentes de uma mesma obra eram reunidas num único bloco, no qual se punha um rótulo identificador do conteúdo. Havia também um catálogo registrando os títulos das obras e o número de placas de que cada uma era composta.

A vasta coleção da biblioteca do rei foi afetada por um incêndio, que atingiu o palácio durante a destruição da cidade de Nínive em cerca de 612 a.C.. Enquanto o fogo é um elemento de risco e destruição presente na história das bibliotecas, foi o que ironicamente protegeu esse acervo. Por se tratarem de placas de argila, quando levadas ao forno ou aquecidas pelo fogo, estas se tornam resistentes como tijolos. Dada a circunstância, foi o que possibilitou a descoberta de uma quantidade impressionante de fragmentos da então Biblioteca de Assurbanipal: cerca de 25 mil fragmentos foram encontrados por Sir Henry Layard<sup>7</sup>, os quais foram enviados ao Museu Britânico para sua conservação (SOUZA, 2005).

A cidade de Pérgamo se situava na Ásia Menor, onde hoje se localiza a Turquia. Havia um desejo de transformar a cidade em um grande centro de cultura, sendo uma das motivações na criação da Biblioteca de Pérgamo. Foi fundada pelo rei Átalo I e por seu filho Eumenes II, e segundo Martins (1957), chegou a possuir um acervo de cerca de duzentos mil volumes. Devido à busca do monopólio do conhecimento, havia uma rivalidade intelectual entre as bibliotecas de Pérgamo e de Alexandria. Essas disputas e competições incitaram conflitos, tendo como resultado um embargo que proibia a exportação do papiro. Entretanto, como conta Battles (2003, p. 35):

O tiro, porém, saiu pela culatra, pois os habitantes de Pérgamo foram levados [...] a inventar o pergaminho (*charta pergamenum*), que, por ser reciclável e mais

6 O território da antiga Assíria é atualmente onde se localiza o Iraque (BATTLES, 2003).

7 Biografia disponível em: <<http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/AustHLay.html>>.

resistente, viria a ser o suporte preferido para a escrita durante os mil anos seguintes.

Durante seus anos de existência, a biblioteca de Pérgamo prosperou e usufruiu de uma boa reputação. Quanto ao seu desaparecimento, existe uma hipótese criada em torno de uma lenda. De acordo com Battles (2003, p. 30):

Havia uma lenda segundo a qual Marco Antônio teria oferecido a Cleópatra os livros de Pérgamo [...] a título de compensação pela perda de sua biblioteca, mas Plutarco põe em dúvida a veracidade do episódio.

Ainda que não haja consenso sobre o verdadeiro motivo, segundo Martins (1957), acredita-se que o declínio da biblioteca possa ter se instaurado após o saque realizado por Marco Antônio, o que teria levado ao seu desaparecimento.

Na Grécia, a primeira biblioteca estabelecida foi a de Pisístrato (571 – 561 a.C.), a qual tinha o caráter de biblioteca pública e pretendia reunir num só local as obras de Homero e outros rapsodos<sup>8</sup> famosos (MARTINS, 1957). Não há muitos relatos sobre as bibliotecas gregas quanto às suas características e outros aspectos devido ao fato de que grande parte delas era particular. Somado a esse fato, houve também transferências de uma quantidade indefinida de volumes para a Biblioteca de Alexandria (MARTINS, 1957).

Uma explicação plausível para a ausência de muitas bibliotecas na Grécia seria o caráter, sobretudo oral, da literatura grega. Como Martins (1957, p. 79) cita “não havia razão para que os gregos amassem e, por consequência, guardassem os seus próprios livros: Sócrates é um símbolo, que, como tantos outros, nada escreveu.” Ainda assim, dentre as bibliotecas gregas particulares, é possível destacar as de Eurípides, Aristóteles e Teofrasto.

Em Roma, as bibliotecas que existiam antes do tempo de Júlio César eram particulares. Os livros pertenciam, em sua grande maioria, à figuras influentes, como por exemplo Cícero, que compartilhavam seus bens somente com amigos mais próximos e algumas elites (BATTLES, 2003). Muitos desses acervos eram constituídos a partir de saques de guerra. Em outros casos, como relata Santos (2012, p. 178) “[...] os romanos mais cultos podiam dispor de livros copiados de forma ortodoxa por escribas ou em muitos casos, escravos cultos vindos da Grécia”.

As primeiras bibliotecas públicas que remetem às que conhecemos hoje surgiram graças a Júlio César, que teve a ideia pouco antes de morrer. Martins (1957, p. 80) o descreve como o “conquistador que sabia escrever a sua conquista” e que portanto, “para o homem

---

8 Cantores de rapsódias – fragmentos de cantos épicos –, na Grécia antiga (PRIBERAM, c2012).

que achava útil escrever era indispensável que existissem leitores; para o homem que procurava o apoio popular contra as oligarquias, era interessante que esses leitores fossem o povo.” Devido ao seu assassinato, a realização do projeto ficou a cargo de Asínio Pólio e do escritor Varrão, assim sendo construída a primeira biblioteca pública de Roma no Fórum (BATTLES, 2003). Havia dois salões de leitura, um sendo designado para as obras em latim e outro abrigando as obras em grego, e em cada um era decorado com estátuas que serviam de homenagem à poetas e oradores de ambos idiomas (BATTLES, 2003).

Dentre as bibliotecas de Roma, a maior e mais célebre foi a de Ulpiana, fundada pelo Imperador Trajano. Junto com a biblioteca de Palatina, fundada pelo Imperador Augusto, constituíam as duas mais importantes das 29 bibliotecas públicas que Roma possuía no século IV (MARTINS, 1957). Devido ao caos político, ataques e incêndios, as bibliotecas romanas eventualmente foram destruídas. Acerca de tal destino, que é tão recorrente ao longo da história, Battles (2003, p. 59-60) conclui:

Muito antes da queda de Roma, Platão e Aristóteles já haviam concluído que qualquer sistema político está condenado ao declínio. Há um corolário dessa regra que diz respeito às bibliotecas e que não é totalmente desprovido de interesse: não existe biblioteca que não acabe desaparecendo, deixando atrás de si um quebra-cabeças que as gerações futuras tentarão remontar.

### **2.1.2 Bibliotecas na Idade Média**

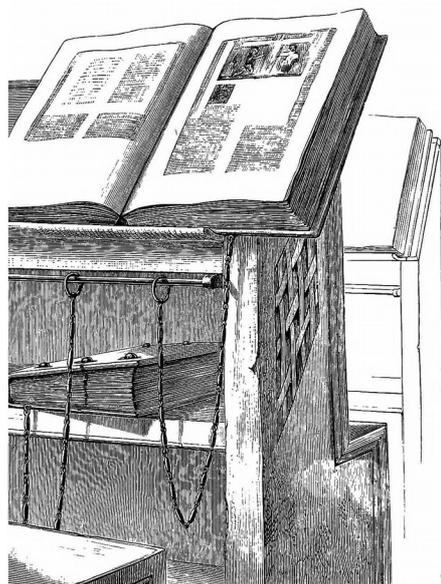
A Idade Média foi um período em que as bibliotecas eram ligadas a ordens religiosas. Coincide também como sendo um período de declínio econômico, o que dificultava a produção e aquisição do pergaminho e papiro. Entretanto, apesar das dificuldades existentes, a cultura literária que existia na Antiguidade ainda permaneceu entre os monges. Assim como ocorreu anteriormente, na Idade Média há uma nova evolução do suporte para a escrita: a invenção do códice. No início, os códices eram feitos de tábuas revestidas de cera, mas devido à sua fragilidade, eventualmente as placas foram substituídas por folhas de material dobrável. Como descreve Battles (2003, p. 63), “[...] os livros consistiam em maços de folhas de papiro dobradas e frouxamente costuradas numa capa de couro”. Esse suporte era mais prático em seu manuseio do que os rolos e mais econômico pela possibilidade de se escrever em ambos os lados da folha.

As bibliotecas medievais ainda retinham a função de “guardiãs do conhecimento”, pois assim como na maioria das bibliotecas da Antiguidade, o acesso a seu acervo era fechado e

restrito ao público em geral. Segundo Martins (1957), existiram três tipos de bibliotecas durante a Idade Média: as monacais, que foram desenvolvidas dentro de mosteiros e abadias no início do período medieval; as particulares (junto com as bizantinas) e as universitárias, mais ao final da Idade Média.

As bibliotecas monacais se localizavam dentro de mosteiros e conventos. A própria arquitetura de tais locais remetia a biblioteca. Em muitos desses locais, armários eram embutidos nas enormes paredes e além da existência de diversas estantes de leitura a fim de possibilitar um melhor manuseio dos grossos volumes. Mesmo nas estantes portáteis, os livros eram acorrentados (Figura 2), o que pode-se interpretar como uma forma de prevenção ao furto dessas obras (MARTINS, 1957). O acervo era constituído, em grande parte, por textos religiosos e livros litúrgicos, mas era possível encontrar algumas obras de outras áreas do conhecimento, tais como a literatura e a filosofia. As obras existentes eram resultado do trabalho dos copistas, cuja tarefa era considerada como um dever piedoso em algumas ordens. Graças a esse trabalho escriturário que muitas obras cristãs e da Antiguidade foram salvas. (SANTOS, 2012).

Figura 2 - Livro acorrentado em uma biblioteca monacal



Fonte: Wikimedia Commons (1984).

Na visão de Martins (1957), as bibliotecas monásticas e bizantinas possuem uma importância maior do que as bibliotecas ocidentais. O autor relata que,

[...] a fuga desses monges e desses sábios de Bizâncio para o Ocidente, trazendo os seus conhecimentos, por ocasião da tomada de Constantinopla pelos turcos, em

1453, que provocará a Renascença e, por consequência, o fim da Idade Média (MARTINS, 1957, p. 88).

Enquanto as bibliotecas ocidentais perpetuavam exclusivamente a literatura latina e sua respectiva cultura, o conteúdo predominante nas bibliotecas bizantinas eram relativos à civilização helênica. Até então, o conhecimento da cultura grega era praticamente desconhecido pelo Ocidente (MARTINS, 1957. Em Constantinopla, tem-se a existência das bibliotecas particulares, que assim são definidas por serem mantidas por imperadores ou grandes nobres. Tais bibliotecas continham um acervo relativamente extenso, algumas chegando a possuir cerca de cem mil volumes, como foi o caso da biblioteca que Constantino estabeleceu na cidade no ano de 330 d.C.<sup>9</sup> (MARTINS, 1957).

Durante os séculos XIII e XV, as bibliotecas começaram a ser afetadas pelas mudanças intelectuais e sociais do período. Com a criação das universidades, o conhecimento passa a ser mais acessível e começa a sair, ainda que lentamente, do domínio e controle do conhecimento que os mosteiros e suas bibliotecas possuíam. A Universidade de Sorbonne, em Paris, iniciou a biblioteca com uma doação de livros feita por Robert de Sorbon<sup>10</sup>. A partir da existência dessas bibliotecas universitárias é que a imagem do bibliotecário começa a se sobressair, tornando-se o profissional responsável pela organização da informação<sup>11</sup> (SANTOS, 2012).

Como exemplos de bibliotecas universitárias importantes, pode-se destacar a Biblioteca Jurídica de Orleans, a Biblioteca Médica de Paris, a Biblioteca de Oxford e a Biblioteca de Cambridge<sup>12</sup> (MARTINS, 1957).

### 2.1.3 *Bibliotecas na Atualidade*

Como afirma Martins (1957, p. 94), “é, pois, já nos albores da Renascença que a biblioteca começa a adquirir o seu sentido moderno, a sua verdadeira natureza, como é também nessa época que surge junto ao livro, a figura do bibliotecário [...]”. É nesse período

---

9 “[...] maior parte dessa biblioteca foi queimada por Leão Isauriano, chefe dos Iconoclastas, desaparecendo no incêndio, entre outras preciosidades, as obras de Homero escritas, de acordo com a tradição, em letras de ouro” (MARTINS, 1957, p. 89).

10 Robert de Sorbon (nascido em 9 de outubro, 1201, Sorbon, França – morreu em 15 de agosto, 1274, Paris) foi um teólogo francês, padre confessor do Rei Luis IX, e fundador de Sorbonne, um colegiado que tornou-se a Universidade de Paris (ENCYCLOPEDIA BRITANNICA, 2016 tradução nossa).

11 Como consequência, o bibliotecário tem seu papel de disseminador do conhecimento consolidado no período do Renascimento (SANTOS, 2012).

12 Fundadas em 1444, na Inglaterra (MARTINS, 1957).

que as bibliotecas iniciam seu papel de disseminadoras da informação, com a figura do bibliotecário assumindo a posição de agente central da sustentação das bibliotecas. Em meio às transformações pelas quais essas instituições começaram a passar, um grande marco do Renascimento foi a invenção da prensa de tipos móveis. Johann Gutenberg<sup>13</sup>, inventor do aparato, foi o primeiro a realizar uma impressão por tipos móveis. A partir da publicação do livro por esse método, há um rompimento do monopólio exercido pelo livro manuscrito, assim como o monopólio da Igreja sobre a produção editorial (LEMOS, 2008).

Com o processo de produção em série era possível aumentar, exponencialmente, a quantidade de obras disponíveis. Consequentemente, o acesso que antes era restrito a uma minoria seleta, como intelectuais, religiosos e nobres, se estendeu a uma parcela mais ampla da população. A proliferação de obras impressas aumentou a disseminação da leitura bem como o acesso à informação, o que possibilitou a criação e ampliação de bibliotecas, necessárias para o armazenamento de tamanha quantidade de impressos (MILANESI, 2002).

Além do espaço, surgiu também a preocupação quanto a organização dos acervos, visto que o aumento progressivo das obras começava a dificultar o processo de recuperação da informação. Dessa forma, segundo Milanesi (2002, p. 27) “[...] no século XVI buscou-se criar uma bibliografia universal, um esforço para domar o aparente descontrole editorial”. Considerando que uma pessoa seria incapaz de dominar todas as áreas do conhecimento, essa bibliografia ampla foi desmembrada e passou-se a produzir bibliografias setoriais, que seriam destinadas a grupos de interesse específico. A partir de então, com a crescente produção de livros e períodos, criou-se uma estratégia que visava evitar que textos importantes se perdessem em meio ao “caos bibliográfico”: a seleção de documentos para um determinado acervo. As bibliotecas começaram a prezar mais pela especialização, uma vez que a política de adquirir e armazenar toda a produção documentária envolvia altos custos e muitos obstáculos (MILANESI, 2002).

Com o desenvolvimento tecnológico, as bibliotecas passaram a sofrer novas mudanças conforme novas exigências e necessidades surgiam. Uma vez que o foco passou a ser maior no público-alvo atendido pela instituição, havia uma maior necessidade de melhorar os serviços e produtos oferecidos. Após a Segunda Guerra Mundial, no século XX os computadores foram criados. Enormes e com um alto custo, só se popularizaram após algum tempo, com a redução do tamanho e com uma capacidade mais ágil e potente. Introduziram-

---

13 Biografia parcial disponível em: <<http://tipografos.net/historia/gutenberg.html>>.

se os computadores no âmbito das bibliotecas, que os utilizaram de bom grado, uma vez que passou a facilitar o processos técnicos bem como a acessibilidade da informação (CUNHA, 2008).

De acordo com Lemos (2002, p. 107) “nesse processo evolutivo, as bibliotecas foram se diversificando, seja por causa do tipo de material que reúnem, seja por causa do tipo de usuário a que atendem prioritariamente”. Atualmente, quanto a tipologia de bibliotecas, pode-se listar: as bibliotecas nacionais, as bibliotecas públicas, as bibliotecas escolares, as bibliotecas universitárias, as bibliotecas especializadas e as bibliotecas especiais.

Assim como aconteceu ao longo da história, as bibliotecas estão sempre sujeitas à mudanças, necessidades e demandas de seus usuários. É preciso que elas, junto aos profissionais da informação, adaptem-se à tais processos que atualmente são provenientes sobretudo das inovações tecnológicas.

### 3 PROJETOS DE BIBLIOTECAS E BIBLIOGRAFIAS UNIVERSAIS

Na literatura, a figura da biblioteca é apresentada como uma fonte do saber de tamanho incomensurável, contendo todo o conhecimento existente em suas estantes. Em *O Nome da Rosa*, a imensa biblioteca (Figura 3) descrita por Umberto Eco é, na verdade, um grande labirinto onde das salas partem caminhos que têm como propósito enganar e confundir quem quer que por lá se aventure, salvo o bibliotecário. Essa figura é a única possuidora do acesso à biblioteca, sendo necessária sua aprovação para que os monges que assim desejassem pudessem buscar algum livro específico, o que nem sempre lhes era permitido pois o mesmo afirmava que nem todos os livros da biblioteca podiam ser lidos pelos monges<sup>14</sup>. O fato nos remetendo à descrição feita no capítulo anterior quanto ao funcionamento das bibliotecas na Idade Média, visto que o romance de Eco se situa na mesma época.

Figura 3 – Biblioteca do mosteiro em *O Nome da Rosa*



Fonte: *print screen* do filme *O Nome da Rosa*

A imagem da biblioteca da Abadia como um labirinto, contendo pequenas salas com livros e escadas que as ligam, se assemelha bastante com a descrição de outra famosa e fantástica biblioteca que se destaca na literatura: a Biblioteca de Babel, a qual foi descrita detalhadamente por Jorge Luis Borges no conto de mesmo nome.

A Biblioteca de Babel remete ao tão sonhado e aspirado ideal da biblioteca universal, detentora da totalidade absoluta do conhecimento humano.

14 ANTUNES, João Carlos, SANTOS, Vitor Augusto, SOARES, Sandra Matos. *O Nome da Rosa: A personagem Guilherme Baskerville*. Disponível em: <[http://www.ipv.pt/forumedia/3/3\\_fe1.htm](http://www.ipv.pt/forumedia/3/3_fe1.htm)>.

### 3.1 *Biblioteca de Alexandria*

A Biblioteca de Alexandria, ao longo de sua existência, reuniu um imenso acervo de cultura e ciência da Antiguidade, e assim, tornou-se um dos grandes símbolos do conhecimento humano. Entre os séculos IV a.C. e o século IV d.C., abrigou não somente inúmeros rolos de papiros, mas também intelectuais e estudiosos para que esses “desbravassem o mundo do conhecimento e das emoções, deixando assim um notável legado para o desenvolvimento geral da humanidade” (SANTOS, 2012, p. 180).

Em 323 a.C., com a morte de Alexandre o Grande, fundador da cidade de Alexandria, o império fica dividido entre seus generais. Ptolomeu I Sóter ficou a cargo do Egito, onde governou durante 16 anos. Graças à insistência de Demétrio de Falera<sup>15</sup> para que Ptolomeu transformasse Alexandria em um grande centro de saber e cultura ao rivalizar com Atenas, é que há a concretização do projeto da biblioteca (SANTOS, 2012).

O argumento de Demétrio, segundo Mey (2004, p. 73), foi de que Ptolomeu “seria um governante mais estável e melhor se conhecesse os povos por ele governados e se conhecesse as obras sobre o ‘exercício do mando’.” Para que isso ocorresse, era necessário que fosse criado um centro de estudo e pesquisa.

Muitos avanços do conhecimento em diversas áreas foram originados dos encontros de estudiosos, sábios e artistas nesse centro de saber e cultura que se tornou a Biblioteca de Alexandria. Segundo Mey (2004, p. 74), dentre os grandes nomes que por lá passaram estão “Eratóstenes, Aristarco, Hiparco de Bitínia, Euclides, Apolônio, Arquimedes, Heron, Herófilo, Erístrato, Hipácia – mulher sábia, astrônoma e matemática, cujo assassinato em 415 d.C. marca o fim da era científica de Alexandria, na Antiguidade.” A concentração de intelectuais das diversas áreas do conhecimento e seus métodos remete a uma tradição aristotélica. Demétrio, que foi aluno de Aristóteles, levou esse modelo para Alexandria. Canfora (1989, p. 18) afirma que tal feito foi “a chave de seu sucesso”, citando ainda uma frase que se foi dita após o modelo ser adotado na cidade: “Aristóteles ensinara aos reis do Egito como se organiza uma biblioteca”. A propósito, de acordo com algumas fontes antigas, acredita-se que a biblioteca de Aristóteles tenha sido adquirida pela biblioteca de Alexandria, mas historiadores

---

15 Demétrio governou Atenas durante dez anos, tendo que deixar a cidade após ser deposto por um golpe de estado e se refugiar em Tebas. Ao chegar em Alexandria, tornou-se conselheiro do rei (CANFORA, 1989).

têm discutido por séculos sem chegar a um consenso sobre a veracidade de tal afirmação. Battles (2003, p. 33) contesta essa crença ao relatar que:

[...] o geógrafo Estrabão, que parece ter conhecido muito bem a biblioteca, conta que os livros de Aristóteles foram enterrados em Atenas, na tentativa de impedir seu confisco pelos reis atalidas, que os queriam para sua própria biblioteca em Pérgamo. Já danificados pela umidade e roídos pelos vermes, foram desenterrados e vendidos ao colecionador Apelicon, que, na tentativa de reunir e emendar os manuscritos, acabou introduzindo inúmeras imperfeições.

Figura 4 - Hipácia de Alexandria



Fonte: GASPARD (1908).

A Biblioteca de Alexandria tinha como objetivo armazenar tudo que fosse possível, almejando reunir toda a literatura grega e as obras de maior importância, escritas em diversas línguas estrangeiras (BATTLES, 2003). Segundo Cãnfora (1989, p. 20), Ptolomeu I Sóter e Demétrio haviam estabelecido uma meta, na qual seria necessário um total de 500 mil volumes para que se pudesse obter "[...] os livros de todos os povos da terra". Ptolomeu II Filadelfo, seu sucessor, aumentou consideravelmente o acervo da biblioteca, ao comprar todos os papiros e rolos que lhe foi possível adquirir (SANTOS, 2012). Entretanto, nunca se chegou a um consenso de fato sobre a quantia exata de volumes no acervo da biblioteca, pois não há dados precisos. Acredita-se que chegou a ter 700 mil rolos, mas há divergências entre autores que citam entre 400 mil e 90 mil rolos<sup>16</sup> (MEY, 2004).

---

16 É importante ressaltar que esses números não equivale ao número total de obras. Uma obra pode estar contida em mais de um rolo, portanto não se pode comparar esses volumes manuscritos com os livros impressos que possuímos hoje (MARTINS, 1957).

Ao contrário do que se possa imaginar, a biblioteca na verdade não era uma só, mas duas. A maior, também a principal, foi construída no século III a.C., no interior do *Mouseion*<sup>17</sup>. A outra biblioteca era menor, também conhecida como “irmã” ou *Sarapeum*, foi criada um século depois no interior de outro templo, o Templo de Serápis (SANTOS, 2012).

Martins (1957, p. 77) declara que “a biblioteca de Alexandria ostentava a singularidade de possuir manuscritos únicos de grande número de obras da Antiguidade que com ela desapareceram”. De fato, como Battles (2003, p. 35) reforça: “os livros dos que visitavam a cidade eram confiscados, copiados para a biblioteca (quando os próprios originais não ficavam retidos) e adornados com uma etiqueta em que se lia ‘dos navios’”. Posteriormente, como já se sabe, tal prática levaria a perda de inúmeros manuscritos originais durante os incêndios que atingiram a biblioteca.

Por ser constituído de rolos de papiros, que em comparação com a argila é relativamente frágil e de difícil preservação, não era possível organizar o acervo de forma muito prática. Os rolos ficavam dispostos em pilhas, o que conseqüentemente indica que para que um rolo específico fosse encontrado e retirado, era necessário remexer todos os outros que também se encontravam na pilha. Dessa forma, para facilitar a identificação, os rolos eram etiquetados com os nomes dos autores e títulos das obras (BATTLES, 2003).

Devido à quantidade de volumes contidos na biblioteca e sua rudimentar organização nas prateleiras, era necessário que houvesse alguém a altura para administrar o local. Certamente, para ser escolhido como bibliotecário chefe em uma biblioteca tão importante e imponente como a de Alexandria, era preciso destacar-se pois as atribuições de tal cargo iam além das funções habituais, uma vez que eram também humanistas e filólogos (SANTOS, 2012). Dentre os intelectuais escolhidos pelos reis para atuarem como bibliotecários chefes, destaca-se como o mais importante Calímaco de Cirene.

Calímaco tentou organizar as obras utilizando uma classificação geral, ao organizar seus catálogos subdivididos por gêneros que correspondiam a diversos setores da biblioteca. Esse catálogo, que ficaram conhecidos como *pinakoi*<sup>18</sup>, ocupava 120 rolos por si só e possibilitava uma ideia geral da ordenação dos rolos. Entretanto, como afirma Cânfora (1989),

17 Templo das Musas (SANTOS, 2012).

18 A palavra *pinakoi* é de origem grega, significando tábuas. Calímaco as utilizava para a separação temática, assim como também mesas ou estantes. Curiosamente, denominamos tais sistemas de classificação por “tabelas”, palavra de origem latina (*tabella*), que significa “pequena tábua” e é derivada de *tabula*, “mesa”, “tábua”, “estante”. Portanto, como afirma Mey (2004, p. 79) “do grego *pinakoi*, passa-se ao latim *tabula* e a nossas tabelas de classificação bibliográfica, em descendência direta de Calímaco e sua forma de organização do conhecimento”.

ele era útil apenas para quem já tivesse prática, pois não servia como planta ou guia para outrem.

A divisão por assuntos incluía: teatro, oratória, poesia lírica, legislação, medicina, história, filosofia e miscelânea. Segundo Mey (2004), Calímaco utilizou como base a divisão aristotélica do conhecimento. A autora destaca que “a coincidência entre a categoria ‘miscelânea’ de Calímaco e a classe 0, ou 000, dentro dos sistemas Classificação Decimal Universal e Classificação Decimal de Dewey – ‘Generalidades’, também se afigura muito significativa” (MEY, 2004, p. 78). A isso é atribuído a própria corrente filosófica atrelada, pois a ênfase dada a certas áreas está ligada à formação dos responsáveis por tais sistemas (MEY, 2004). Além da organização por assunto, Calímaco também organizou os volumes em ordem alfabética. Assim, pode-se afirmar que desde então existia a prática de organizar obras por assuntos e ordem alfabética de autor, dentro dos assuntos (MEY, 2004).

A Biblioteca de Alexandria prosperou ao longo de sua existência, tornando-se um centro cultural de excelência e abrigando inúmeras obras e intelectuais, promovendo avanços nos estudos e novas produções. Entretanto, a biblioteca não teve um destino triunfante a altura de seus dias de glória. Sua história final foi marcada por incêndios e destruições.

O primeiro incêndio ocorreu em 48 a.C., por Júlio César<sup>19</sup>. Por amor a Cleópatra, a auxiliou na luta contra Ptolomeu XIII pela posse do reino do Egito. Ao se encontrar cercado no palácio real, incendiou os barcos que se encontravam ancorados no porto a fim de impedir a tomada da cidade pelo mar. O fogo se alastrou, atingindo os armazéns onde ficavam estocados os livros. Battles (2003, p. 30) relata que “de acordo com Sêneca, isso provocou uma conflagração que destruiria 40 mil livros de uma só vez”.

No século III d.C., a expansão do cristianismo ocasionou um processo de decadência nas bibliotecas a medida que prevalecia culturalmente sobre os pagãos, judeus e neoplatônicos. Mey (2004, p. 80) descreve o segundo cenário de destruição:

O segundo incêndio narrado ocorreu em 391 d.C., sendo Teodósio o imperador, Teófilo, o patriarca de Alexandria, e o cristianismo, a religião oficial do Estado. O zelo de Teófilo em defesa do cristianismo o teria levado à destruição de todas as obras pagãs, assim como teria ordenado a morte de Hipácia, em 415. Para alguns, destruiu o Serapeum e a biblioteca ‘filha’; enquanto a Biblioteca maior já teria desaparecido. Para outros, o Serapeum transformou-se em templo cristão.

---

19 Segundo Mey (2004, p. 80), “difícilmente Júlio César, ele próprio um homem culto, permitiria a destruição dos livros”. A explicação mais provável é de que os volumes estivessem armazenados no porto, sendo queimados junto com os navios simplesmente por estarem lá aguardando transporte para Roma.

O terceiro incêndio é atribuído à Amr Ibn al-As, conquistador de Alexandria em 642. Relata-se que ao perguntar a seu califa Amr Ibn al-Khattab o destino das obras da biblioteca, recebeu como resposta que deveria destruir todas aquelas que estivessem em desacordo com a palavra de Deus (MEY, 2004, p. 79). Alguns questionamentos sobre a narrativa são feitos por Mey (2004), que no início de seu artigo faz questão de destacar que a parte histórica sobre a destruição da biblioteca adentra um território de especulações pois “as lendas, mesmo que baseadas em fatos reais, ou parcialmente reais, ou totalmente ilusórios, despertam mais interesse do que a verdade”. Martins (1957, p. 78) demonstra um descrédito semelhante a responsabilização do incidente pelos muçulmanos:

A título de curiosidade, registremos que Albert Cim desmente a tradição segundo a qual a biblioteca de Alexandria teria sido incendiada por ordem de Omar. Parece tratar-se, no caso, de uma amabilidade inventada por cristãos contra os muçulmanos, para lhes atribuir a responsabilidade de um crime por eles mesmos cometido. [...] Albert Cim afirma que a seção de Serápio ‘foi destruída pelo bisco Teófilo, quatrocentos anos depois, por força de um édito de Teodósio que ordenava a supressão de todos os tempos pagãos’. Assim sendo, quando os árabes tomaram Alexandria, em 640, de há muito havia desaparecido a mais célebre de todas as bibliotecas da Antiguidade.

Apesar de ser a primeira biblioteca com aspirações universais, Battles (2003, p. 37) afirma que “[...] os ptolomeus não visavam que ela fosse um repositório universal destinado à preservação da aprendizagem liberal, ainda que nossos mais caros mitos de origem nos levem a pensar assim”. Tanto ao proporcionar um meio para a obtenção do conhecimento e da verdade, como ao ser destruída, a biblioteca apenas servia e estava submissa aos desejos e vontades daqueles que estavam ou desejavam estar no poder. É um patrimônio cultural que torna-se ao mesmo tempo o forte de uma civilização e uma vulnerabilidade diante de inimigos. Esse ponto é reforçado por Battles (2003, p. 36) ao apontar que

[...] a centralização e consolidação das bibliotecas eram convenientes tanto para os governantes quanto para os intelectuais. Em tempos de guerra, infortúnio ou decadência, porém, essa centralização tornava-se um grave problema, pois toda a literatura contida ali estaria condenada a ter o mesmo destino que a biblioteca.

O autor afirma que muitas obras a que é possível ter acesso hoje desde os tempos da Antiguidade, só sobreviveram por estarem em pequenas bibliotecas particulares. Battles (2003) acrescenta ainda que, não fosse a ambição desenfreada dos ptolomeus em adquirir todas as obras possíveis, ao apreender e falhar em devolver obras emprestadas de outras bibliotecas, teria sido possível que muito do que se perdeu tivesse sobrevivido por mais tempo.

A Biblioteca de Alexandria deixou para a humanidade uma grande legado após seus seis séculos de existência, bem como “um exemplo a ser seguido, de busca do conhecimento e tolerância” (MEY, 2004, p. 82). Talvez como uma forma de concretizar tal desejo, o governo egípcio, em parceria com a Unesco, iniciaram estudos em 1986 para a criação de uma nova biblioteca: a Bibliotheca Alexandrina. Inaugurada em 2002, na cidade do Cairo, a biblioteca tem a pretensão de ser um dos mais importantes centros de conhecimento do mundo, inspirando-se em sua antecessora na Antiguidade. A biblioteca não deve ser considerada um renascimento da antiga Biblioteca, mas sim um *renouveau* (MEY, 2004). A estrutura tem um formato circular (Figura 5), “representando o sol, tão importante na mitologia egípcia e, ao mesmo tempo, o símbolo do que ilumina e aquece o mundo e os homens” (MEY, 2004, p. 84). O espaço é composto de um centro de conferências; um planetário; uma biblioteca, subdividida em outras bibliotecas especializadas ao longo de onze andares; museus e galerias permanentes e de exposições itinerantes (MEY, 2004).

Quanto ao seu acervo, Chassot (2002, p. 34) declara que na época a biblioteca estava “recebendo doações de todas as partes do mundo. Há muitas críticas por uma não existência de critérios para receber as doações, chegando assim muito material de valor discutível”. A

Figura 5 - Bibliotheca Alexandrina



Fonte: Library Architecture Wikispaces (2016).

restrição estabelecida era a de que não seriam aceitas obras que ofendessem os princípios religiosos dos islâmicos egípcios. O autor reproduz a resposta dada por Ismail Sarageldin<sup>20</sup> quanto as críticas feitas sobre o acúmulo de obras sem estabelecer critérios:

Temos a máxima liberdade para colecionar livros, do mesmo modo que o Vaticano guarda textos que foram queimados pela Igreja Católica. Se os fundamentalistas

---

<sup>20</sup> Ex-vice-presidente do Banco Mundial e então atual diretor da Bibliotheca Alexandrina, em 2002 (CHASSOT, 2002).

condenam os Versos satânicos de Salmon Rushdie, qual o melhor lugar para encontrar, ler e julgar este texto que a Biblioteca Alexandrina? (CHASSOT, 2002, p. 35).

Mey (2004) cita a importância estratégica do Egito, que o levaram a ser vítima de diversas invasões e disputas. Apesar de todas as perdas ao longo da história as quais foi sujeitada, conseguiu preservar sua cultura e vários monumentos. Ao tornar-se um local de pesquisa, preservação do saber e diálogo, a Biblioteca pode proporcionar uma oportunidade para que o Ocidente e o Oriente tenham uma melhor compreensão sobre o outro. Como Mey (2004, p. 88) declara, “a Bibliotheca Alexandrina [...] torna-se o moderno símbolo da coexistência, da união de esforços e da paz”.

### 3.2 Casa da Sabedoria – *Bayt Al-Hikma*

Ao adentrar no período histórico da Idade Média, o conhecimento produzido na Antiguidade grega foi preservado apenas parcialmente pela Igreja, que abrigou livros nos monastérios. Entretanto, foi graças ao mundo oriental que grande parte desse conhecimento pôde ser perpassado e sobreviver até nossa época. Segundo Battles (2003, p. 65), “[...] nos mil anos que se passaram entre a morte de Alexandre e a ascensão do Islã, e a despeito das frequentes disputas entre Roma e os governantes persas, a Síria foi quem abrigou da forma mais estável a herança cultural da Grécia.”

Assim, após a conquista árabe, as bibliotecas persas que haviam acumulado obras contendo a filosofia e ciência da cultura helênica, podiam finalmente traduzir esse conhecimento. A ciência grega e a poesia persa foram traduzidas para a língua árabe, que segundo Lyons (2011) foi utilizada como língua mundial de erudição durante a época. Com a ascensão do Islã, a cultura muçulmana e suas bibliotecas se expandiram rapidamente. Como Battles (2003, p. 67) aponta: “[...] pelo fim do século VIII, a dinastia Abássida havia transformado Bagdá num centro de estudos”. Os califas Umayyad, predecessores dessa dinastia, construíram grandes bibliotecas sagradas em Damasco e em Jerusalém. A derrota dos Umayyad pelos Abássidas permitiu que os livros começassem a seguir rumo à Bagdá (BATTLES, 2003).

Lyons (2011) aponta que o segundo califa da dinastia abássida, Abu Jafar al-Mansur, também fundador da cidade de Bagdá, tinha um grande interesse em filosofia e astronomia. Ele foi responsável por direcionar pesquisas e coordenar traduções de obras clássicas de eruditos hindus, persas e gregos para a língua árabe. Segundo Lyons (2011, p. 88), “para acomodar a vasta escala do trabalho necessário para traduzir, copiar, estudar e guardar o volume crescente de textos persas, sânscritos e gregos, al-Mansur criou uma biblioteca real [...]”. Assim foi a origem da mais famosa biblioteca e centro de pesquisa do mundo árabe: a Casa da Sabedoria (*Bayt al-Hikma*). Battles (2003, p. 68) a descreve como “um centro de tradução, compilação e comparação da sabedoria acumulada por todos os povos muçulmanos, da Índia à Península Ibérica”. A Casa da Sabedoria era, ao mesmo tempo, biblioteca, escola e centro de pesquisa, reunindo sábios de diversos locais para pesquisas e estudos da astronomia, astrologia, matemática e engenharia (Figura 6) (LYONS, 2011).

Figura 6 - Sábios na Casa da Sabedoria



Fonte: NIOTIS (2013).

Semelhante à Biblioteca de Alexandria, a Casa da Sabedoria tinha como objetivo acumular todo o conhecimento encontrado e registrado possível, que seria posteriormente traduzido para a língua árabe. Lyons (2011, p. 88) reafirma tal ponto:

Sua função primordial [...] era a salvaguarda de conhecimento valioso, fato que se refletia em outros termos utilizados de vez em quando pelos historiadores árabes para descrever o projeto, tais como Tesouro dos Livros de Sabedoria ou simplesmente Tesouro da Sabedoria.

Tanto o espaço, como projetos culturais e intelectuais a ela relacionados, recebiam um bom financiamento proveniente de fundos públicos. Ao reunir eruditos e intelectuais de diversas áreas, o califa promovia e incentivava debates livres e o pensamento original. Graças à erudição e esforços intelectuais, inúmeros avanços tanto sociais como científicos. Como nota Lyons (2011, p. 91),

[...] essa atividade intelectual da época gerou séculos de pesquisas organizadas e ininterruptas, além de avanços constantes em matemática, filosofia, astronomia, medicina óptica e outras áreas, criando um notável conjunto de obras que pode ser chamado de ciência árabe.

Além das inúmeras inovações intelectuais, os muçulmanos aprenderam com prisioneiros chineses uma técnica que inovaria a produção de livros: a confecção do papel. Além de ser mais fácil de fabricar do que o pergaminho e menos frágil, o papel absorvia tinta, o que tornava seu conteúdo mais resistente ao tempo e assim ideal para a guarda de registros. De acordo com Battles (2003), os muçulmanos tinham uma capacidade de assimilação notável. Dessa forma, além da fabricação do papel, aprenderam também com os

etiópios a confecção de capas de couro, transformando a técnica em arte que resultava em livros belíssimos (BATTLES, 2003).

A Casa da Sabedoria prosperou e esteve em seu auge durante os anos que al-Mamun esteve no poder, entre 813 e 833 d.C., devido ao seu patrocínio e entusiasmo para com a ciência e a filosofia. Certamente, a política de promover a atividade e pesquisas intelectuais era movida principalmente por interesses políticos, religiosos e diplomáticos. Entretanto, conta Lyons (2011, p. 105-106) que um cronista apresenta uma versão diferente para explicar o fascínio e entusiasmo do califa:

De acordo com al-Nadim, o califa viu Aristóteles em sonho, calvo e de pele clara, sentado em sua cama. Superando o choque inicial de se ver face a face com o grande filósofo, al-Mamun pediu-lhe que definisse 'aquilo que é bom'. Aristóteles respondeu que razão e revelação – ou seja, ciência e religião – eram ambas boas e de interesse público, resposta que o califa tomou como uma confirmação de que a cultura científica era um dever religioso.

Lamentavelmente, assim como na trágica história de Alexandria, destruições provenientes de invasões também trouxeram o fim à Casa da Sabedoria. O Oriente muçulmano foi praticamente destruído após as invasões dos mongóis (BATTLES, 2003). Junto com ela, várias outras excelentes bibliotecas do mundo muçulmano desapareceram, entre os séculos XIII e XV. Battles (2003, p. 72) conclui que “seus conquistadores – os mongóis, os turcos e os cruzados – não compartilhavam esse amor pelo conhecimento que o Islã havia herdado de seus antepassados gregos e persas”.

### 3.3 *Mundaneum*

Entre o século XIX e o século XX, há um cenário de inúmeros avanços tecnológicos resultantes das duas guerras mundiais e o desenvolvimento da política internacional, que buscava unificar nações quanto às questões relativas aos direitos humanos e a resolução de conflitos. Durante esse período, tem-se Paul Otlet em meio ao desenvolvimento de seus vários projetos, que visavam sempre a organização e disseminação do conhecimento humano.

Paul Otlet realizou vários trabalhos em parceria de Henri La Fontaine, igualmente um jurista belga. Juntos, fundaram o Instituto Internacional de Bibliografia (IIB), em 1895, visando organizar uma bibliografia universal. Denominada como *Repertório Bibliográfico Universal* (RBU), pretendia “disseminar o conteúdo dos acervos de diversas instituições do mundo, sobremaneira, facilitando o acesso a esses dando publicidade à sua existência” (JUVÊNCIO, 2016, p. 21). Dessa forma:

O intento de Otlet ao cunhar as técnicas documentalistas e disseminá-las ao redor do mundo era a criação de um grande livro do saber humano, que se constitui no RBU. De fato, era o Repertório o responsável por arrolar todas as obras, de todos os tempos, em todos os tipos de materiais e formato (JUVÊNCIO, 2016, p. 22).

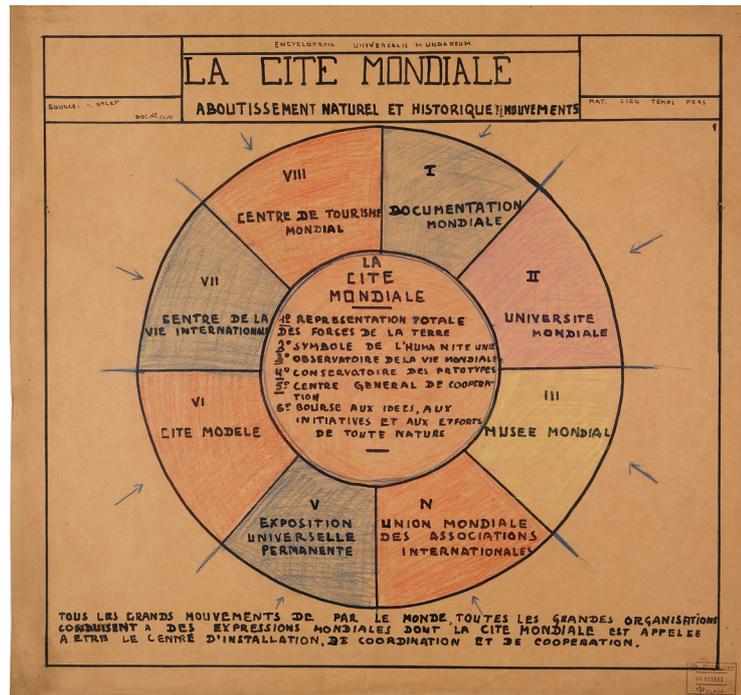
Durante o processo de desenvolvimento do *Repertório*, Otlet e La Fontaine criaram um método para classificar os itens de acordo com seus assuntos. Utilizando a Classificação Decimal de Dewey (CDD), adaptaram o sistema para que este se encaixasse melhor nos ideais do IIB, possuindo uma perspectiva mais universalista. Assim, criaram a Classificação Decimal Universal, também conhecida por CDU (JUVÊNCIO, 2016).

O *Palais Mondial*, que posteriormente foi denominado *Mundaneum*, foi criado como um grande centro internacional que armazenaria toda a representação do conteúdo produzido. Parte de um projeto ainda maior, tem sua origem no ideal concebido por Paul Otlet: a Cidade Mundial<sup>21</sup>. Enquanto o objetivo do *Mundaneum* seria o de tornar-se um centro de documentação de carácter universal ao reunir coleções de diversos materiais, a Cidade Mundial tinha como objetivo reunir grandes instituições intelectuais, tais como bibliotecas, museus e universidades (Figura 7).

---

<sup>21</sup> *Cité Mondiale* (OTLET, 1929).

Figura 7 - Cité Mondiale



Fonte: OTLET (1920).

Se o projeto como ideia buscava a unificação do conhecimento em uma única organização, como instituição ele promovia um intercâmbio cultural e intelectual entre entidades de âmbito nacional e internacional (JUVÊNIO, 2016).

O projeto *Mundaneum* chegou a ser concretizado, ainda que não da maneira utópica a qual foi concebido, mas enfrentou desafios durante seu tempo de existência e acabou sendo fechado após a Segunda Guerra Mundial. O que restou do *Mundaneum* atualmente encontra-se na cidade de Mons, na Bélgica. Transformado em museu, exposições e conferências referentes ao projeto são organizadas e apresentadas (MUNDANEUM, c2013).

### 3.4 Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos da América – Library of Congress

Fundada em 1800, a Biblioteca do Congresso originalmente foi criada para ser somente uma biblioteca legislativa. Após tornar-se uma instituição nacional<sup>22</sup> no século XIX, continuou crescendo notavelmente, até chegar aos dias de hoje sendo considerada a maior biblioteca do mundo.

Para sua criação, foi autorizado um recurso de \$5.000 pelo então presidente John Adams. Com a transferência da nova sede do Congresso, da Filadélfia para Washington, nasceu o desejo e necessidade de criar uma biblioteca legislativa de apoio.

Entretanto, logo no início de sua criação, em 1814, a biblioteca original foi incendiada e saqueada quando as tropas britânicas invadiram o prédio sede do governo. Devido a esse incidente, a biblioteca começou a adquirir um acervo mais diversificado ao incluir a biblioteca pessoal do ex-presidente Thomas Jefferson como substituto. Seus 6.487 livros foram comprados pelo Congresso pelo valor de \$23.940, em 1815, contendo uma variedade de coleções que incluíam além de livros em línguas estrangeiras, obras sobre filosofia, ciência, arte, literatura e outros assuntos que normalmente não fazem parte do acervo de uma biblioteca legislativa. De acordo com Cole (1993), “Jefferson acreditava que o poder do intelecto poderia moldar uma sociedade livre e democrática<sup>23</sup>”. O conceito de universalidade de Thomas Jefferson compreendia que todas as áreas do conhecimento eram importantes para a biblioteca, princípio o qual ainda se mantém pela amplitude das coleções hoje existentes.

Enquanto o método mais utilizado na época para a organização do acervo era a ordem alfabética, Thomas Jefferson preferiu a organização por assunto. A classificação adotada então foi uma adaptação da classificação do conhecimento proposta por Francis Bacon: incluía as categorias memória (história), razão (filosofia) e imaginação (belas artes) (LIBRARY OF CONGRESS CLASSIFICATION, 2014). Entre o final do século XIX e o início do século XX, um novo sistema de classificação foi desenvolvido e substituiu o sistema de Jefferson, sendo utilizado até hoje: a *Library of Congress Classification*<sup>24</sup> (LCC).

22 Ainda que possua desde então características de uma biblioteca nacional, nunca foi oficialmente designada como tal (COLE, 1993).

23 “Jefferson believed that the power of the intellect could shape a free and democratic society”.

24 Sistema que divide o conhecimento em vinte e uma classes básicas, cada uma identificada por uma letra do alfabeto, que são subsequentemente divididas em subclasses mais específicas. Estas são identificadas por combinações de duas ou três letras.

Apesar do crescimento da biblioteca, havia uma “concorrente” para o que seria considerado uma biblioteca nacional: o Instituto Smithsonian. Um dos bibliotecários, Charles Coffin Jewett, queria transformar a biblioteca da instituição em um centro bibliográfico nacional. Entretanto, o secretário do Smithsonian, Joseph Henry, se opôs à ideia por afirmar que o foco da instituição deveria ser a pesquisa e as publicações científicas. Ele defendia o desenvolvimento da Biblioteca do Congresso como biblioteca nacional, posteriormente fazendo uma transferência de 40.000 volumes da biblioteca da instituição Smithsonian para a Biblioteca do Congresso (HISTORY OF THE LIBRARY, 2016).

A biblioteca passou por sérias dificuldades na década de 1850. A começar pela rivalidade entre o norte e o sul do país (disputa essa que resultaria na guerra civil norte-americana na década seguinte) que prejudicava o fortalecimento de qualquer instituição governamental. A Biblioteca do Congresso foi vítima de um segundo incêndio em sua história, ao final de 1851, e o resultado foi a destruição de dois terços de sua coleção, que até então contabilizava cerca de 55.000 volumes. O Congresso aprovou uma verba no valor de \$168.700 para a restauração das salas e a reposição dos livros. A política conservadora do então Bibliotecário do Congresso, John Silva Meehan impediu que essa reposição dos livros fosse complementada por qualquer expansão na coleção, mantendo um limite mais rígido na atuação da instituição (HISTORY OF THE LIBRARY, 2016).

Graças à Ainsworth Rand Spofford, Bibliotecário do Congresso no período de 1865 até 1897, a Biblioteca passou por uma transformação significativa. Aplicando os ideais e princípios de Thomas Jefferson, ele integrou as funções legislativas e nacionais, o que expandiu as coleções contidas em ambos. Spofford foi também o responsável pela lei de direitos autorais de 1870. Como consequência da prática, houve um grande fluxo e acúmulo de livros e outros materiais, o que trouxe a necessidade de um novo prédio. O pedido de Spofford foi atendido em 1886, quando foi autorizada a construção da estrutura. As obras em si iniciaram com algum atraso, em 1889 e o novo prédio foi concluído e aberto ao público no ano de 1897, aclamado como um monumento nacional (HISTORY OF THE LIBRARY, 2016).

Um ano antes da mudança, o Comitê da Biblioteca do Congresso convocou uma reunião para discutir as condições da biblioteca e novas formas de administrá-la. Dentre os convidados estava Melvil Dewey, da Biblioteca Estadual de Nova York. Apontando a possibilidade de ampliação dos serviços da Biblioteca do Congresso, ele argumentou que o momento era oportuno para que esta atuasse verdadeiramente como uma biblioteca

nacional, ao defini-la como “um centro ao qual as bibliotecas do país inteiro podem se voltar para inspiração, orientação e apoio prático [...]”<sup>25</sup> (COLE, 1993).

Herbert Putnam, que também esteve presente na reunião, tornou-se Bibliotecário do Congresso em 1899 e manteve-se no cargo durante quarenta anos. Sua gestão contribuiu significativamente para o desenvolvimento das coleções, assim como as políticas de acesso e alcance da biblioteca. Putnam difundiu o uso das coleções para acadêmicos, o público em geral e outras bibliotecas. Como Cole (1993) aponta, “em vez de simplesmente servir como uma grande acumulação nacional de livros, uma biblioteca nacional deveria ativamente servir outras bibliotecas”<sup>26</sup>. Ao fim de sua carreira, cunhou a frase “Universal em Escopo: Nacional em Serviço” ao caracterizar a Biblioteca do Congresso.

Ao fim do ano de 1901, a Biblioteca do Congresso foi a primeira biblioteca americana a alcançar a marca de um milhão de volumes e começou a organizar sua vasta coleção de conhecimento registrado para uso e a serviço do público. O sistema de empréstimo entre bibliotecas estabelecido por Putnam foi um grande avanço, incentivando um trabalho cooperativo entre bibliotecas e democratizando o conhecimento. Nos anos que se seguiram, a Biblioteca adquiriu vastas coleções de outros países e culturas, dentre as quais pode-se citar uma enorme coleção de literatura russa e livros chineses e japoneses.

A constante expansão das coleções da Biblioteca do Congresso resultaram novamente em uma demanda por mais espaço. Em 1928, uma lei para a compra de terrenos vizinhos foi aprovada e, em 1930, a construção da nova estrutura foi iniciada. O prédio anexo, conhecido hoje como edifício John Adams, foi finalizado em 1938 e aberto ao público no ano seguinte.

Cole (1993) afirma que, “sozinha em meio às grandes bibliotecas do mundo, a Biblioteca do Congresso ainda intenta em tornar-se uma biblioteca universal, coletando materiais impressos em quase todos os suportes”<sup>27</sup>. Tal afirmação é demonstrada por um dos objetivos estratégicos da instituição, o qual é “adquirir, descrever, preservar e prover acesso a uma coleção universal de conhecimento [...]” (LIBRARY OF CONGRESS, 2016). De fato, atualmente não há nenhuma biblioteca comparável ao tamanho e alcance da Biblioteca do Congresso. Seu acervo conta com mais de 158 milhões de itens, que incluem mais de 36

25 “[...] a center to which the libraries of the whole country can turn for inspiration, guidance, and practical help [...]” (COLE, 1993). Originalmente citado em: U.S. Congress, Joint Committee on the Library, Condition of the Library of Congress, March 3, 1897, 54th Cong., 2d sess., S. Rept. 1573, p. 142.

26 “Rather than serving merely as a great national accumulation of books, a national library should, he felt, actively serve other libraries” (COLE, 1993).

27 “Alone among the world’s great libraries, the Library of Congress still attempts to be a universal library, collecting printed materials in almost all media” (COLE, 1993).

milhões de livros catalogados e outros materiais impressos em 460 línguas. Além disso, possui mais de 69 milhões de manuscritos, a maior coleção de obras raras da América do Norte e a maior coleção do mundo de materiais legislativos, filmes, mapas, partituras e gravações de som.

Por fim, pode-se citar um outro projeto realizado pela biblioteca, intitulado *The Library of Congress Web Archives (LCWA)*<sup>28</sup>. Ele é dedicado à preservação do conteúdo de *websites* para uso por pesquisadores no tempo atual e posteriormente. Os arquivos são temáticos e baseados em eventos, com tópicos relacionados aos interesses políticos dos Estados Unidos, tais como eleições nacionais, a Guerra do Iraque e os eventos de 11 de setembro.

Ainda que a Biblioteca do Congresso não possua uma concorrente física à altura no mundo, existe uma outra entidade com aspirações universais semelhantes: a internet. Um breve histórico desde sua origem até suas pretensões atuais será realizado no capítulo a seguir, no qual será analisado seu enquadramento como um projeto de difusão universal do conhecimento, assim como as entidades até aqui exploradas.

---

28 Acesso em: <<https://www.loc.gov/webarchiving/>>.

#### 4 PROJETO UNIVERSAL DA INTERNET

Com o avanço incessável da tecnologia, o século XX proporcionou inúmeras inovações científicas e dispositivos resultantes dessa evolução, dentre os quais é possível citar a televisão, o gravador e os primeiros computadores (DIAS, 1999). A partir daí, estava aberto o caminho para novas possibilidades que viabilizariam uma melhor capacidade de armazenamento e a disseminação, assim como a acessibilidade, da informação e conhecimento humano. Ao descrever a interligação dos computadores, as chamadas redes, Milanesi (2002, p. 32) observa:

Em menos de duas décadas, as grandes máquinas evoluíram para pequenos e potentes engenhos capazes de armazenar volumes gigantescos de informação e processá-los em velocidade ano a ano maior. Ao estabelecer a possibilidade de conectar esses computadores pessoais entre si e a grandes computadores, estava desenhada a internet.

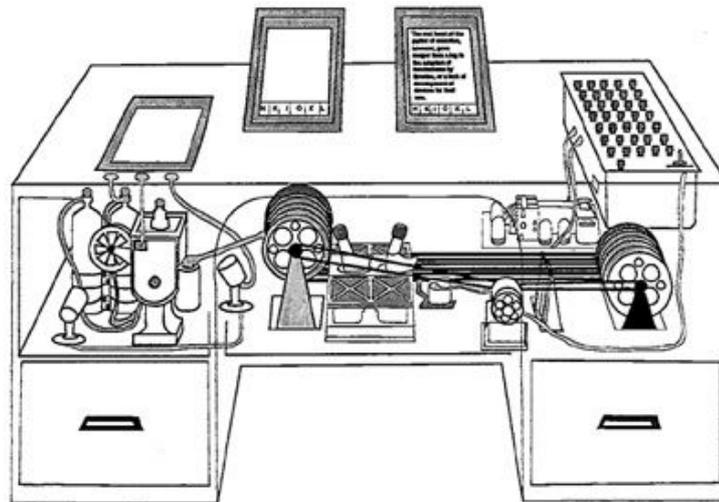
Tal interconexão remete aos ideais de Paul Otlet, que professava quanto à cooperação internacional, que levaria à disponibilização e disseminação da informação e do conhecimento. De acordo com Rayward (1994), Otlet pode ser considerado um precursor de Bush (1945), Englebart (1963) e Nelson (1983, 1987). Estando a frente de seu tempo, ou visionário quanto à tecnologia existente na época, ele previu a criação de uma rede universal de informação e documentação. As ideias por ele desenvolvidas anteciparam muitas características das criações dos autores citados anteriormente, sendo elas respectivamente: o Memex, o Xanadu e o hipertexto (RAYWARD, 1994).

Em 1945, Vannevar Bush descreveu um dispositivo mecanizado onde se armazenaria toda a informação possuída por um indivíduo em microfilmes, no qual posteriormente se pudesse consultar todo esse conteúdo de forma rápida e flexível. Tal invenção ficou denominada como Memex (Figura 8). Uma vez que a mente humana não funciona de forma linear, mas sim por associação, a mesma lógica seria seguida para a estrutura da informação; ao tornar-se associativa, temos as características de um hipertexto (DIAS, 1999).

Dias (1999, p. 272) faz a descrição da máquina e seu funcionamento:

[...] uma mesa com telas translúcidas, teclado, botões, alavancas e mecanismos de armazenamento, gravação e projeção baseados no uso de microfilmes. O processo de ligação entre dois itens seria feito por indexação associativa, em que um item poderia selecionar imediata e automaticamente um outro item para ser lido.

Figura 8 - Memex



Fonte: RESUMBRAE (2016).

Tal ideia remete ao elemento principal do hipertexto, ou seja, o vínculo (*link*) entre documentos. Esse sistema minimizaria o problema de espaço trazido pelo caos documentário, advindo da explosão informacional durante a revolução industrial. A partir disso, seria também possível voltar ao lendário sonho de se criar um espaço que reuniria e possibilitaria o acesso de toda a produção informacional e de conhecimento da humanidade. Fazendo uma analogia dessa produção com a memória da humanidade, pode-se citar uma colocação de Cavalcanti (1996, p. 21) que coincide com tal ideia: “[...] auxiliada pela tecnologia moderna, esta memória torna-se quase ilimitada. A tecnologia, por sua vez, fundamenta-se, principalmente, no conhecimento, bem como na informação organizada, transmitida por esse conhecimento.”

A ideia de Bush entretanto, não foi concretizada e permaneceu no plano do imaginário durante vários anos. Seu princípio de indexação associativa, no entanto, serviu como base para o hipertexto de Theodore Nelson na década de 1960. O termo foi cunhado por Nelson no projeto intitulado *Xanadu*, o qual, segundo Dias (1999, p. 272) pretendia “implementar uma rede de publicações eletrônica, instantânea e universal – um verdadeiro sistema hipertexto, um universo documental”.

Segundo Nelson (1987 apud RAYWARD, 1994) esse projeto seria um software revolucionário que proporia um plano para uma rede mundial, na qual milhões de usuários estariam ligados simultaneamente a arquivos de texto, gráficos e outros conteúdos criados por todo o mundo. Seria um sistema que ofereceria uma estrutura universal de dados na qual outras estruturas seriam mapeadas (RAYWARD, 1994). A ideia representaria um tipo de

“biblioteca universal de textos online organizados e indexados em novas formas para facilitar o trabalho dos usuários<sup>29</sup>” (TSAI, 1988 apud RAYWARD, 1994, p. 236).

Em 1968, as ideias de Bush e Nelson foram finalmente colocadas em prática por meio do sistema de editoração de texto *Augment*, dirigido por Douglas Engelbart. Esse sistema implementava links entre arquivos, além de possibilitar um trabalho cooperativo e uma melhor interação entre usuário e computador (DIAS, 1999).

No ano seguinte, foi desenvolvido o projeto da ARPANET, que foi uma das primeiras redes de computadores interligados. Inicialmente utilizada apenas no âmbito militar, foi a origem do que se conhece hoje como internet. A informática começou a se expandir ao final da década de 70, época que como Dias (1999) relata, foram lançados os computadores pessoais pelas empresas Apple e IBM. Posteriormente, a internet passou a ser utilizada, também, no ambiente acadêmico e científico e, após ficar restrita à tais âmbitos por cerca de duas décadas, seu uso foi liberado para uso comercial nos Estados Unidos (TAIT, 2007).

Durante a década de 1980, surgiram vários projetos de sistemas hipertexto e, ao final dela, em 1989, foi proposta a ideia da *World Wide Web*, referida também como simplesmente Web. O autor da proposta foi Tim Berners-Lee, que com essa rede promoveria “uma imensa biblioteca multimídia, ou seja, um conjunto de documentos hipertexto, com informações digitalizadas de textos, sons e imagens, conectados entre si e espalhados por computadores do mundo inteiro” (DIAS, 1999, p. 273). A propósito, é importante ressaltar a diferença entre os termos “internet” e “world wide web”. Uma frase dita pelo gerente do escritório brasileiro do W3C<sup>30</sup>, Vagner Diniz, na abertura de um workshop realizado em 2014, ilustra bem essa distinção: “A Internet são os trilhos, a Web é a locomotiva. Um não faz sentido sem o outro”. Portanto, enquanto a internet é um sistema de redes de computadores interconectados em nível mundial, a World Wide Web é “um espaço que permite a troca de informações multimídia (texto, som, gráficos e vídeo) através dessa estrutura” (MONTEIRO, 2001, p. 29).

Os sistemas hipertexto começaram a ser empregados mais amplamente no início da década de 1990, principalmente nas áreas de educação, comunicação e organização de dados. Essa propagação acontece devido ao desenvolvimento da linguagem HTML<sup>31</sup> e do

29 “a kind of ‘universal library of online text organized and indexed in new ways to facilitate the work of users.’”

30 O W3C (Consórcio World Wide Web) é um consórcio internacional de desenvolvimento de padrões para a Web. Tem como missão “conduzir a World Wide Web para que atinja todo seu potencial, desenvolvendo protocolos e diretrizes que garantam seu crescimento de longo prazo” (W3C BRASIL, 2016).

31 “Abreviatura de *HyperText Markup Language*, linguagem composta por um conjunto de comandos de formatação e utilizada na criação de documentos hipertexto, visualizados nas páginas WWW” (DIAS, 1999, p. 273).

protocolo de comunicação HTTP<sup>32</sup>, que segundo Dias (1999, p. 273) “possibilitaram a produção e a disseminação de documentos hipertexto pela rede mundial de computadores – a Internet”. A partir daí, tem-se um enorme crescimento da internet que deixa de se restringir ao meio acadêmico e passa a ter um alcance maior quanto aos seus usuários pelo mundo, número esse que até os dias de hoje continua se multiplicando (DIAS, 1999).

Como Dias (1999, p. 275) cita “[...] o hipertexto permite a implementação de bibliotecas virtuais [...]”. De fato, analisando a Web como um repositório do conteúdo universal, tem-se uma adaptação do antigo modelo desse ideal. Por possuir uma maior interação e democratização entre autor e leitor, é possível ir além do mero armazenamento de todo o conhecimento humano já registrado existente. A partir desse momento, a Web permite a criação e expansão desse conteúdo. Certamente, isso traz uma consequência semelhante àquela da explosão informacional advinda da pesquisa científica desenfreada após a Segunda Guerra Mundial. Segundo Milanese (2002, p. 51):

Com a internet muitas barreiras que se antepunham ao conhecimento ruíram – ainda que se levantassem outras. Ela possibilita, na prática, mesmo com obstáculos a serem superados, o acesso ao conhecimento de forma menos onerosa e mais ampla. Não é mais o indivíduo que persegue a informação, mas as informações que soterram o indivíduo quando ele ousa acionar uma ferramenta de busca na internet.

Apesar dessa avalanche de informações, Cunha (2008) afirma que nem tudo está disponível na internet. Motivada por essa limitação, deu-se então um crescimento na digitalização de obras que não se encontram disponíveis online. Dentre os projetos mais célebres que visam superar essa barreira, há o Projeto Gutenberg<sup>33</sup> e o projeto de digitalização de livros do Google. Enquanto o primeiro disponibiliza o acesso gratuito, isso se deve ao fato de que os livros ali digitalizados já encontram-se sob o domínio público (CUNHA, 2008). Já o projeto de digitalização do Google é uma iniciativa comercial<sup>34</sup>, que por também abordar a questão dos direitos autorais, tem tornado a empresa alvo de críticas pelo mundo. Como Bearman (2006 apud CUNHA, 2008) menciona, “o enfoque do Google em relação aos direitos autorais ameaça o nascimento de uma biblioteca digital universal”. Essa é uma das críticas feitas por Jean-Noël Jeanneney<sup>35</sup>, diretor da Biblioteca Nacional da França no período em que o projeto foi anunciado, afirmando também que “o Google não terá condições de digitalizar tudo o que foi impresso e a sua seleção irá favorecer as fontes americanas ou na língua inglesa

---

32 Abreviatura de *HyperText Transfer Protocol* (DIAS, 1999).

33 Disponível em: <[https://www.gutenberg.org/wiki/PT\\_Principal](https://www.gutenberg.org/wiki/PT_Principal)>.

34 Anunciada em dezembro de 2004 (CUNHA, 2008).

35 Foi diretor da Biblioteca Nacional entre os anos de 2002 e 2007.

em detrimento de outras culturas” (BEARMAN, 2006 apud CUNHA, 2008). Chartier (1999, p. 139) aborda esse ponto:

Mal acaba de nascer, eis que o sol da universalidade se esconde! Tanto mais que a utopia do universal é onerada por um segundo mal-entendido que Condorcet já apontava, quando, no século XVIII, falava dos limites da comunicação impressa: trata-se da pluralidade das línguas. Nenhum leitor [...] poderá jamais dominar a totalidade das línguas necessárias para ter acesso à universalidade do patrimônio escrito.

O repositório digital criado por esse projeto do Google poderia representar um avanço ao tão sonhado ideal de uma biblioteca universal, ainda que possua limitações e seja alvo de críticas (ou até mesmo ações judiciais) por parte tanto de bibliotecas preocupadas com a falta de sistematização no processo de digitalização do acervo e o dano causado à herança cultural da humanidade ao privilegiar certas culturas sobre as outras, quanto por parte do mercado editorial, a qual sofreria prejuízo financeiro causado pelas infrações aos direitos autorais.

Ainda que movido por interesses econômicos, o projeto do Google tem uma meta louvável, que é a de promover acesso à informação. Ao longo da história, explorada ao longo desse trabalho, pode-se perceber que ainda que os projetos tivessem intenções nobres de promover o debate e a pesquisa intelectuais, sempre houve o desejo do domínio, seja por interesse político ou econômico. Já dizia a máxima que “informação é poder”. Portanto, tais intenções não altruístas não são novas. Os argumentos e preocupações de ambos os lados que criticam e atacam o projeto são válidos; no entanto, há críticas também do outro lado no que diz respeito a esse modelo de proteção dos direitos autorais. Apesar de protegerem o mercado editorial, as leis e principalmente a burocracia envolvida, representam um obstáculo para a preservação e disseminação do conhecimento universal.

Tais conflitos poderiam ser resolvidos ou, pelo menos, minimizados, se houvessem também leis que protegessem esse patrimônio cultural da humanidade. Há uma afirmação nesse sentido, contida no relatório do *Comité des Sages*<sup>36</sup>:

[...] as principais responsabilidades pela digitalização e preservação da nossa herança cultural deveriam ser assumidas pelo setor público. De fato, é tarefa das autoridades públicas e de instituições culturais certificarem-se de que nosso patrimônio está devidamente digitalizado e então preservado para garantir o acesso ao maior público possível hoje e amanhã. Essa é uma responsabilidade importante demais para ficar unicamente nas mãos de interesses privados, que não necessariamente tem a mesma abordagem e interesse público como os governos (NIGGEMANN; DECKER; LÉVY, 2011, p. 10).

---

36 Criado em 2010 pela Comissão Europeia para avaliação das operações de digitalização, levando em conta as condições de acessibilidade e preservação do patrimônio cultural europeu.

Além do projeto de digitalização iniciado pelo Google, não se pode deixar de citar outros projetos também propostos e realizados pela parceria com bibliotecas e outras instituições: além do já citado Projeto Gutenberg, existem o *Internet Archive*<sup>37</sup>, a Biblioteca Digital Mundial (BDM)<sup>38</sup> e a Europeia<sup>39</sup>. Ao se ter todas essas iniciativas, pode-se considerar a internet como possibilitadora e facilitadora da existência de um projeto de difusão do conhecimento universal, uma vez que ela disponibiliza um espaço, uma estrutura e uma interconectividade de dimensões antes possíveis apenas no imaginário e plano idealizado. A associação entre grandes bibliotecas convencionais, organizações e instituições culturais e as iniciativas criadas nesse ciberespaço – remetendo de certo modo à *Cité Mondiale* e o Mundaneum de Paul Otlet – pode viabilizar enfim a criação de uma grande ‘biblioteca universal’. Saindo do campo físico e deixando de ser uma biblioteca “entre quatro paredes”, esse conceito avança para um campo mais amplo onde há uma expansão contínua e ilimitada de seu acervo, possibilitando a interação e a acessibilidade de seus usuários de forma livre. Ainda que não tenha alcançado um estado ideal e perfeito, por ainda encontrar obstáculos no caminho rumo a esse objetivo absoluto, a humanidade está mais próxima do que nunca de tornar essa utopia em realidade. Como Chartier (1999, p. 117) conclui:

Desde Alexandria, o sonho da biblioteca universal excita as imaginações ocidentais. Confrontadas com a ambição de uma biblioteca onde estivessem todos os textos e todos os livros, as coleções reunidas por príncipes ou por particulares são apenas uma imagem mutilada e decepcionante da ordem do saber. O contraste foi sentido como uma intensa frustração. Esta levou à constituição de acervos imensos, à vontade das conquistas e confiscos, a paixões bibliófilas e à herança de porções consideráveis do patrimônio escrito. Ela inspirou, igualmente, a compilação dessas ‘bibliotecas sem paredes’ que são os catálogos, as coletâneas e coleções que se pretendem paliativos à impossibilidade da universalidade, oferecendo ao leitor inventários e antologias. Com o texto eletrônico, a biblioteca universal torna-se imaginável (senão possível) sem que, para isso, todos os livros estejam reunidos em um único lugar. Pela primeira vez, na história da humanidade, a contradição entre o mundo fechado das coleções e o universo infinito do escrito perde seu caráter inelutável.

---

37 Disponível em: <<https://archive.org/index.php>>.

38 Disponível em: <<https://www.wdl.org/pt/>>.

39 Disponível em: <<http://www.europeana.eu/portal/pt>>.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A memória é parte intrínseca da essência humana, mas possui também uma fragilidade tamanha que leva ao medo de sua perda. Sem ela, perde-se o senso de identidade. Tal fenômeno ocorre individualmente, mas em grande escala, atingindo assim a humanidade como um todo. Daí surge a necessidade de guardar todo o conhecimento de alguma forma para que não se perca; afinal, pode-se dizer que a totalidade dos registros de informação reflete a identidade da humanidade, assim como sua história.

Sendo a escrita o primeiro meio que o homem encontrou para conservar seu conhecimento adquirido, a biblioteca surge como um local seguro de armazenamento para esse conteúdo registrado.

Ao percorrer a história da evolução das bibliotecas, pode ver o tratamento que a informação e o conhecimento receberam a medida que a perspectiva sobre tais mudava. Na Antiguidade, durante a existência da Biblioteca de Alexandria, ainda que o seu objetivo maior fosse a aquisição do maior número de obras, ela promovia o estudo e a produção intelectual por sábios da época, estimulando avanços principalmente em áreas como a ciência. Após esse período de produtividade, ao adentrar na Idade Média, esta faz jus ao termo pejorativo pelo qual muitas vezes é referida: a Idade das Trevas. Em meio as muitas adversidades pelas quais o período passou, tem-se um declínio na produção cultural. Entretanto, há uma significativa preservação de obras e manuscritos da Antiguidade, graças ao trabalho dos monges copistas. Preocupados mais com a guarda desses volumes do que com o conteúdo neles contidos – em sua grande maioria considerado profano –, a produção intelectual só ressurgiu com mais força após a criação das universidades, próximo ao período do Renascimento. Com a introdução do papel e a chegada da impressão por tipos móveis, tornada possível por Gutenberg, há o início de uma revolução que transforma a produção de livros rapidamente. Após o caos documentário gerado pela massiva produção de informação e conhecimento ao longo dos anos subsequentes, passa a ser uma preocupação das bibliotecas modernas formas de organizar seus acervos. A partir daí, tem-se o surgimento da seleção, que visa ter critérios para o que entra ou não na biblioteca, a fim de que não se perdesse conteúdo relevante em meio a esse caos.

Eis aqui um ponto que tange uma diferença importante entre o conceito de uma biblioteca e o conceito de uma biblioteca universal: a seletividade versus a totalidade.

Enquanto a biblioteca que conhecemos possui exigências para a composição de seu acervo, a biblioteca universal vislumbrada em seu conceito original tenta abarcar todo o conteúdo existente de informação e conhecimento.

Inserindo o contexto da internet, pode-se ver que de fato, nesse sentido ela permite a existência do projeto de difusão do conhecimento universal mais próximo que se pode chegar até o presente momento, mas não podemos entendê-la como uma biblioteca universal e sim como um mecanismo (instrumento) capaz de auxiliar na construção e difusão de um centro de saber realmente total. Certamente, não cabe a esse trabalho tomar partido de nenhum dos lados ou mesmo comparar uma ideia com a outra: já notava Sherman (2007 apud CUNHA, 2008, p. 15) que “as bibliotecas são instituições completamente diferentes da Web. Neste sentido, falar da substituição de uma pela outra parece um absurdo”. Uma deve complementar a outra, por meio de parcerias e iniciativas como as que descrevemos no último capítulo, bem como outras utilizações convenientes que uma pode proporcionar à outra.

O foco do trabalho até aqui desenvolvido foi versar sobre os projetos universais de difusão do conhecimento não apenas no âmbito das bibliotecas, mas também num sentido mais amplo. Longe de ser um trabalho que pretende estabelecer conclusões absolutas, a ideia principal foi a de fazer reflexões e incitar a análise crítica pela compreensão desses projetos ao longo da história da humanidade, a fim de promover questionamentos quanto ao papel e as contribuições desse tema tão amplo que é o da universalização do conhecimento para com a sociedade e sua evolução.

## REFERÊNCIAS

- ANTUNES, João Carlos, SANTOS, Vitor Augusto, SOARES, Sandra Matos. **O Nome da Rosa: A personagem Guilherme Baskerville**. Disponível em: <[http://www.ipv.pt/forumedia/3/3\\_fe1.htm](http://www.ipv.pt/forumedia/3/3_fe1.htm)>. Acesso em: 04 abr. 2016.
- BATTLES, Matthew. **A conturbada história das bibliotecas**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2003. 238 p.
- BORGES, Jorge Luís. A Biblioteca de Babel. In : \_\_\_\_\_. **Ficções**. São Paulo: Globo, 1999.
- CAMPELLO, Bernadete Santos; CALDEIRA, Paulo da Terra (Coord.). **Introdução às fontes de informação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. 181 p.
- CANFORA, Luciano. **A biblioteca desaparecida: histórias da Biblioteca de Alexandria**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- CASTRO, César Augusto. Biblioteca como lugar de memória e eco de conhecimento: um olhar sobre “O Nome da Rosa”. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 4, n. esp., p. 01-20, 2006. Disponível em: <<http://www.sbu.unicamp.br/seer/ojs/index.php/rbci/article/view/362/240>>. Acesso em: 04 abr. 2016.
- CAVALCANTI, Cordélia Robalinho. **Da Alexandria do Egito à Alexandria do Espaço**. Brasília: Thesaurus, 1996. 240 p.
- CHARTIER, Roger. **Aventura do livro: do leitor ao navegador; conversa com Jean Lebrun**. São Paulo: Ed. Unesp, 1999. 159 p.
- CHASSOT, Attico. Biblioteca Alexandrina: a fênix ressuscitada. **Revista Química Nova na Escola**, São Paulo, n. 16, nov. 2002. Disponível em: <[http://qnesc.sbg.org.br/online/qnesc16/v16\\_A08.pdf](http://qnesc.sbg.org.br/online/qnesc16/v16_A08.pdf)>. Acesso em: 27 jul. 2016.
- COLE, John Y. **Jefferson's legacy: a brief history of the Library of Congress**. Washington: Library of Congress, 1993. Disponível em: <<http://www.loc.gov/loc/legacy/loc.html>>. Acesso em: 02 jun. 2016.
- CUNHA, Murilo Bastos da. Desafios na construção de uma biblioteca digital. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 28, n. 3, p. 257-268, set./dez. 1999. Disponível em: <<http://ref.scielo.org/hn63nf>>. Acesso em: 07 mar. 2016.
- \_\_\_\_\_. Das bibliotecas convencionais às digitais: diferenças e convergências. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 13, n. 1, p. 2-17, jan./abr. 2008. Disponível em: <<http://ref.scielo.org/z6yxkn>>. Acesso em: 07 mar. 2016.

DIAS, Cláudia Augusto. Hipertexto: evolução histórica e efeitos sociais. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 28, n. 3, p. 269-277, set./dez. 1999. Disponível em: <<http://ref.scielo.org/jhf8pg>>. Acesso em: 30 jun. 2016.

DICIONÁRIO Priberam de Língua Portuguesa. [Portugal]: Priberam, c2012. Disponível em: <<http://www.priberam.pt/dlpo/>>. Acesso em: 07 jun. 2016.

ENCYCLOPEDIA Britannica. **Robert de Sorbon**. In: \_\_\_\_\_. Disponível em: <<https://global.britannica.com/biography/Robert-de-Sorbon>>. Acesso em: 27 jul. 2016.

FIDALGO, António. A biblioteca universal na sociedade da informação. **Revista Comunicação e Linguagens**, v. 25, p. 281-288, 1999. Disponível em: <<http://www.bocc.uff.br/pag/fidalgo-biblioteca.pdf>>. Acesso em: 26 fev. 2016.

FONSECA, Edson Nery da. **Introdução à biblioteconomia**. 2. ed. Brasília : Brique De Lemos, 2007. 152 p.

FURTADO, José Afonso. O mito da biblioteca universal. **Cadernos BAD**, 2007, n. 2, p. 37-55. Disponível em: <<http://www.bad.pt/publicacoes/index.php/cadernos/article/view/771/769>>. Acesso em: 26 fev. 2016.

GASPARD, Jules Maurice. **Hypatia of Alexandria**. 1908. Ilustração. Disponível em: <[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Hypatia\\_portrait.png](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Hypatia_portrait.png)>. Acesso em: 24 jul. 2016.

HISTORY of the library. Washington: Library of Congress, 2016. Disponível em: <<https://www.loc.gov/about/history-of-the-library/>>. Acesso em: 02 jun. 2016.

JUVÊNCIO, Carlos Henrique. **O Mundaneum no Brasil: o Serviço de Bibliographia e Documentação da Biblioteca Nacional e seu papel na implementação de uma rede de informações científicas**. 2014. 190 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade de Brasília, Faculdade de Ciência da Informação, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, 2014.

\_\_\_\_\_. **Manoel Cícero Peregrino da Silva e a Documentação no Brasil: gênese e ideais**. 2016. 196 f. Tese (Doutorado) – Universidade de Brasília, Faculdade de Ciência da Informação, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, 2016.

LEMOS, Antonio Agenor Brique de. Bibliotecas. In: CAMPELLO, Bernadete Santos; CALDEIRA, Paula da Terra. **Introdução as fontes de informação**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. Cap. 7. p. 101-119.

LIBRARY Architecture Wikispaces. **Bibliotheca Alexandrina**. Fotografia. Disponível em: <<https://libraryarchitecture.wikispaces.com/The+Bibliotheca+Alexandria>>. Acesso em: 24 jul. 2016.

LIBRARY OF CONGRESS. **Strategic plan: fiscal years 2016 – 2020**. Washington: Library of Congress, 2016. Disponível em:

<[https://www.loc.gov/portals/static/about/documents/library\\_congress\\_stratplan\\_2016-2020.pdf](https://www.loc.gov/portals/static/about/documents/library_congress_stratplan_2016-2020.pdf)>. Acesso em: 03 jun. 2016.

LIBRARY of Congress Classification. Washington: Library of Congress, 2014. Disponível em: <<http://www.loc.gov/catdir/cpsol/lcc.html>>. Acesso em: 10 jun. 2016.

LYONS, Jonathan. **A Casa da Sabedoria**: como a valorização do conhecimento pelos árabes transformou a civilização ocidental. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. 294 p.

MARTINS, Wilson. **A palavra escrita**: história do livro, da imprensa e da biblioteca. São Paulo: Anhembi, 1957. 549 p.

MEMEX. Ilustração. Disponível em: <[http://resumbræ.com/ub/dms423\\_f08/06/](http://resumbræ.com/ub/dms423_f08/06/)>. 2016. Acesso em: 27 jul. 2016.

MEY, Eliane Serrão Alves. Bibliotheca Alexandrina. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v.1, n.2, p.71-91, jan./jun. 2004. Disponível em: <<http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/2081/2211>>. Acesso em: 13 mai. 2016.

MILANESI, Luis. **Biblioteca**. São Paulo: Ateliê, 2002. 116 p.

\_\_\_\_\_. **O que é biblioteca**. 10. ed. São Paulo: Brasiliense, 1983. 107 p. (Coleção primeiros passos).

MONTEIRO, Luís. **A internet como meio de comunicação: possibilidades e limitações**. 2001. Trabalho apresentado ao 24. Congresso Brasileiro da Comunicação, Campo Grande, 2001. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/62100555399949223325534481085941280573.pdf>>. Acesso em: 11 jul. 2016.

MUNDANEUM. Historique. Bruxelas, c2013. Disponível em: <<http://archives.mundaneum.org/fr/historique>>. Acesso em: 04 jul. 2016.

NIOTIS, Nikos. **Islamic Science and Technology**. 2013. Fotografia, color. Disponível em: <<https://www.flickr.com/photos/nikosniotis/8494225953>>. Acesso em: 24 jul. 2016.

NIGGEMANN, Elisabeth; DECKER, Jacques De; LÉVY, Maurice. The new Renaissance: report of the 'Comité des Sages'. Bruxelas, 2011. Disponível em: <[http://www.ace-film.eu/wp-content/uploads/2011/02/CdS\\_Final\\_report.pdf](http://www.ace-film.eu/wp-content/uploads/2011/02/CdS_Final_report.pdf)>. Acesso em: 20 jun. 2016.

NOGUEIRA FILHO, Octaciano da Costa. **Vocabulário da Política**. Brasília: Senado Federal, Unilegis, 2010. 462 p. (Edições Unilegis de Ciência Política)

O NOME da Rosa. 2012. Disponível em: <<http://www.baconfrito.com/leitura-comentada-o-nome-da-rosa-de-umberto-eco-parte-4-final.html>>. Acesso em: 28 jul. 2016.

OTLET, Paul. **Cité Mondiale**: Geneva, World Civic Center, Mundaneum. Bruxelas: Union des Associations Internationales, 1929.

\_\_\_\_\_. **Cité Mondiale**. 1920. Ilustração. Disponível em:  
<[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:La\\_cit%C3%A9\\_mondiale.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:La_cit%C3%A9_mondiale.jpg)>. Acesso em: 24 jul. 2016.

OTUBO, Eduardo. **British Museum**. 2009. Fotografia, color. Disponível em:  
<<https://www.flickr.com/photos/otubo/5091409626>>. Acesso em: 24 jul. 2016.

PIRES-O'BRIEN, Joaquina. **O universalismo na filosofia**. Disponível em:  
<<https://jopiresobrien3.wordpress.com/2014/01/21/o-universalismo-na-filosofia/>>. Acesso em: 25 fev. 2016.

RAYWARD, W. B. Visions of Xanadu: Paul Otlet (1868-1944) and hypertext. **Journal of the American Society for Information Science**, v. 45, p. 235-250, 1994. Disponível em:  
<[http://people.ischool.illinois.edu/~wrayward/Visions%20of%20Xanadu\\_JASIS.pdf](http://people.ischool.illinois.edu/~wrayward/Visions%20of%20Xanadu_JASIS.pdf)>. Acesso em: 30 jun. 2016.

SANTOS, Josiel Machado. O Processo Evolutivo das Bibliotecas da Antiguidade ao Renascimento. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v.8, n.2, p. 175-189, jul./dez. 2012. Disponível em:  
<<https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/237/235>>. Acesso em: 10 mar. 2016.

SOUZA, Clarice Muhlethaler de. Biblioteca: uma trajetória. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE BIBLIOTECONOMIA, 3., 2005, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro: [S.I.], 2005. Disponível em: <<http://www.geocities.ws/csouza952/producaointelectual.htm>>. Acesso em: 10 mar. 2016.

TAIT, Tania Fatima Calvi. **Evolução da Internet**: do início secreto à explosão mundial. 2007. Disponível em: <<http://www.din.uem.br/~tait/evolucao-internet.pdf>>. Acesso em: 30 jun. 2016.

THOMAS Jefferson (Library of Congress Exhibition). **Jefferson's Library**. Washington: Library of Congress, 2016. Disponível em: <<https://www.loc.gov/exhibits/jefferson/jefflib.html>>. Acesso em: 10 jun. 2016.

W3C BRASIL. **Sobre o W3C**. Disponível em: <<http://www.w3c.br/Sobre/>>. Acesso em: 11 jul. 2016.

\_\_\_\_\_. **W3C na Escola de Governança da Internet no Brasil**. Disponível em:  
<<http://www.w3c.br/Noticias/W3c-egi2014>>. Acesso em: 11 jul. 2016.

WIKIMEDIA COMMONS. **Libraries in the Medieval and Renaissance periods**. Gravura. 1894. Disponível em:  
<[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Libraries\\_in\\_the\\_Medieval\\_and\\_Renaissance\\_Periods\\_Figure\\_7.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Libraries_in_the_Medieval_and_Renaissance_Periods_Figure_7.jpg)>. Acesso em: 24 jul. 2016.